

Correio das Artes

ANO
LXXV

Junho
R\$ 15,00

Nº
4



Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes.



Um
Ser tão
nordestino

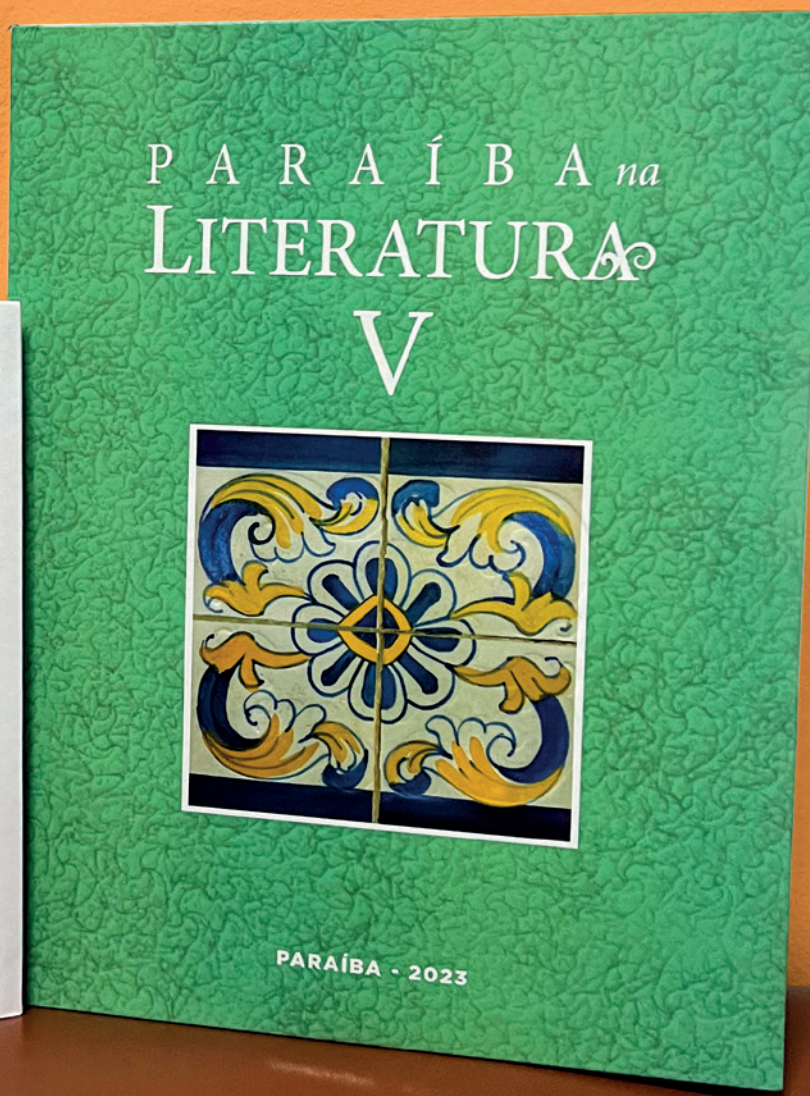
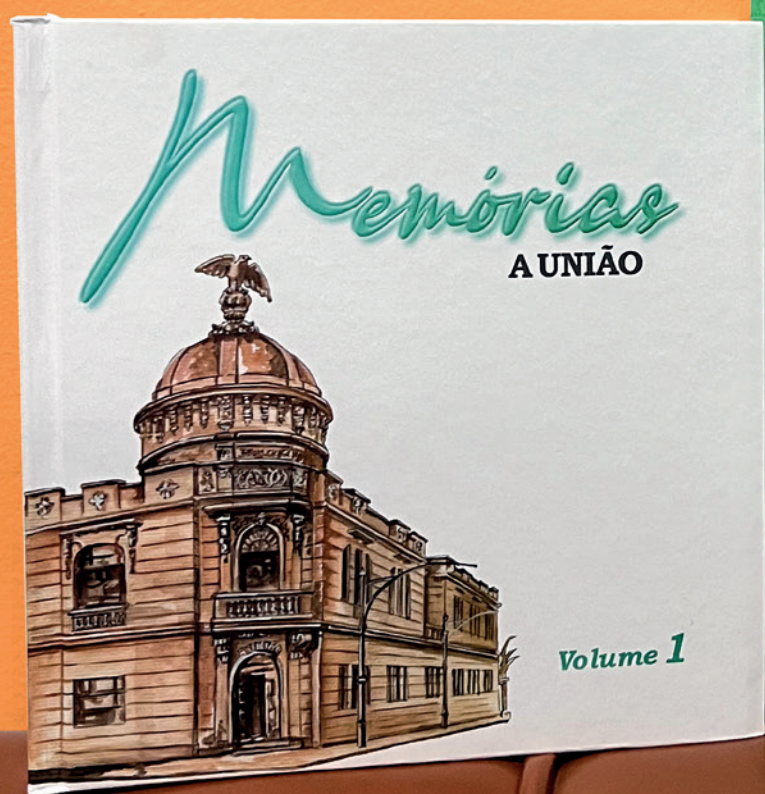
Este ano faz uma década que o escritor e dramaturgo paraibano Ariano Suassuna se “encantou”, deixando uma diversificada herança universal e atemporal

Suplemento
literário
do Jornal A União
2024

Editora A União

*a memória e a história em livro,
a cultura paraibana
agora e sempre.*

marketing EPC



**Lançamentos à venda
na Livraria A União,
Espaço Cultural
José Lins do Rego.**

Universal e atemporal

“A literatura é, para mim, um dever e uma missão, porque tenho certeza de que eu vim para o mundo para fazer uma literatura que se identificasse com meu país e meu povo”, chegou a declarar Ariano Vilar Suassuna (1927-2014), um dos maiores artistas que a Paraíba concebeu em seu ventre.

Tanto que sua obra é universal e atemporal, como mostra a bem explorada matéria de capa desta edição, assinada por Alexandra Tavares, que reforça o legado encantado deixado pelo homem que se encontrou com o “único mal irremediável”, há uma década, no dia 23 de julho de 2014.

Com todas as suas armas literárias e artísticas, Ariano fez questão de combater a invasão dos estrangeirismos e colocar a cultura popular no seu legítimo “berço de ouro” da civilização, fazendo uma amálgama entre a ampliação do horizonte do erudito e as fortes raízes do povo fincadas em solo

Com todas as suas armas literárias e artísticas, Ariano fez questão de combater a invasão dos estrangeirismos e colocar a cultura popular no seu legítimo “berço de ouro” da civilização, fazendo uma amálgama entre a ampliação do horizonte do erudito e as fortes raízes do povo fincadas em solo brasileiro, resultando em uma autêntica arte batizada de Movimento Armorial.

brasileiro, resultando em uma autêntica arte batizada de Movimento Armorial. A sabedoria acadêmica nunca deve sobrepor a sabedoria popular. Ambas devem se entreolhar como iguais, se embebedando do realismo mágico do Sertão, embora também esteja nas imediações urbanas.

Artistas, especialistas, amigos e familiares fazem essa homenagem ao escritor, professor, poeta, artista plástico e dramaturgo paraibano, que imprimiu as suas digitais na identidade cultural do povo brasileiro, especialmente na “nação nordestina”.

A edição deste mês ainda contará com uma análise minuciosa de um dos mais importantes romances de Graciliano Ramos, *S. Bernardo*, que completa nove décadas neste ano, além de crônicas, sonetos, compreensões musicais, artigos e resenha de obras literárias clássicas e contemporâneas.

Uma excelente leitura!



SECRETARIA DE ESTADO
DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garcez de Castro Dória
Diretora Presidente

William Costa
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda
Diretora Administrativa,
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão
Diretor de Rádio e TV

Correio
das Artes

Audaci Junior
Editor do Correio das Artes

Paulo Sergio
Diagramação

Tônio
Arte da capa

Tônio
Ilustrações

índice

15 / clássico

Escritora e pesquisadora Neide Medeiros Santos analisa uma das grandes obras de Graciliano Ramos, 'S. Bernardo', romance que completa 90 anos em 2024

22 / poesia

Diretamente do Sertão paraibano, o membro da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, Raniery Dantas de Abrantes, compartilha alguns sonetos da coletânea 'A Dor Na Poesia'

24 / memória

Hildeberto Barbosa aborda 'Perfis do Norte', obra de Santos Netto (1884-1934) que foi motivado pela indiferença dos "intelectuais" da época com relação aos valores do NE

27 / crônica

Matrimônio de Rita Maria, uma mulher que completou 42 anos "sem nunca ter chegado perto de homem, no sentido bíblico da palavra", é o *causo* assinado pelo talentoso Nelson Barros

32 / música

Quando o eu lírico dos paraibanos Herbert Vianna e Totonho promove um passeio com o amor e o ódio, tendo as músicas "Quase Um Segundo" e "Glaciais" como trilha sonora

35 / revista

Conheça um pouco mais sobre a 'Revista Brasileira', publicação da Academia Brasileira de Letras, na qual "poesia e prosa guardam seu lugar de nobreza"

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de textos, figuras, fotos, ilustrações autorais deste suplemento, sem prévia e expressa autorização da direção do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

PABX: (83) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

Correio das Artes. Uma publicação da EPC.

Av. Chesf, 451 - CEP 58052-010, Distrito Industrial, João Pessoa, Paraíba.

/ capa

10 anos sem **Ariano Suassuna**: um **SER TÃO** **nordestino**

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Um ambiente de forte identidade cultural, rico em vivências genuínas e talentos. Foi com essa visão diferenciada que o escritor, professor, poeta, artista plástico e dramaturgo paraibano, Ariano Vilar Suassuna, tirou não só a Paraíba, como também o Nordeste, do lugar-comum. Nascido na então Parahyba do Norte de 1927, capital do estado, ele foi viver ainda jovem na seca Taperoá, onde se familiarizou com os costumes locais e captou as potencialidades artísticas do seu povo. A valorização da cultura regional e popular, com toda brasilidade a florada do autor-criador, teria sido a missão abraçada por Ariano no decorrer de sua existência. No dia 23 de julho fará 10 anos de sua morte, mas seu legado é robusto, mantém-se forte e reverbera nos mais diversos segmentos artísticos.

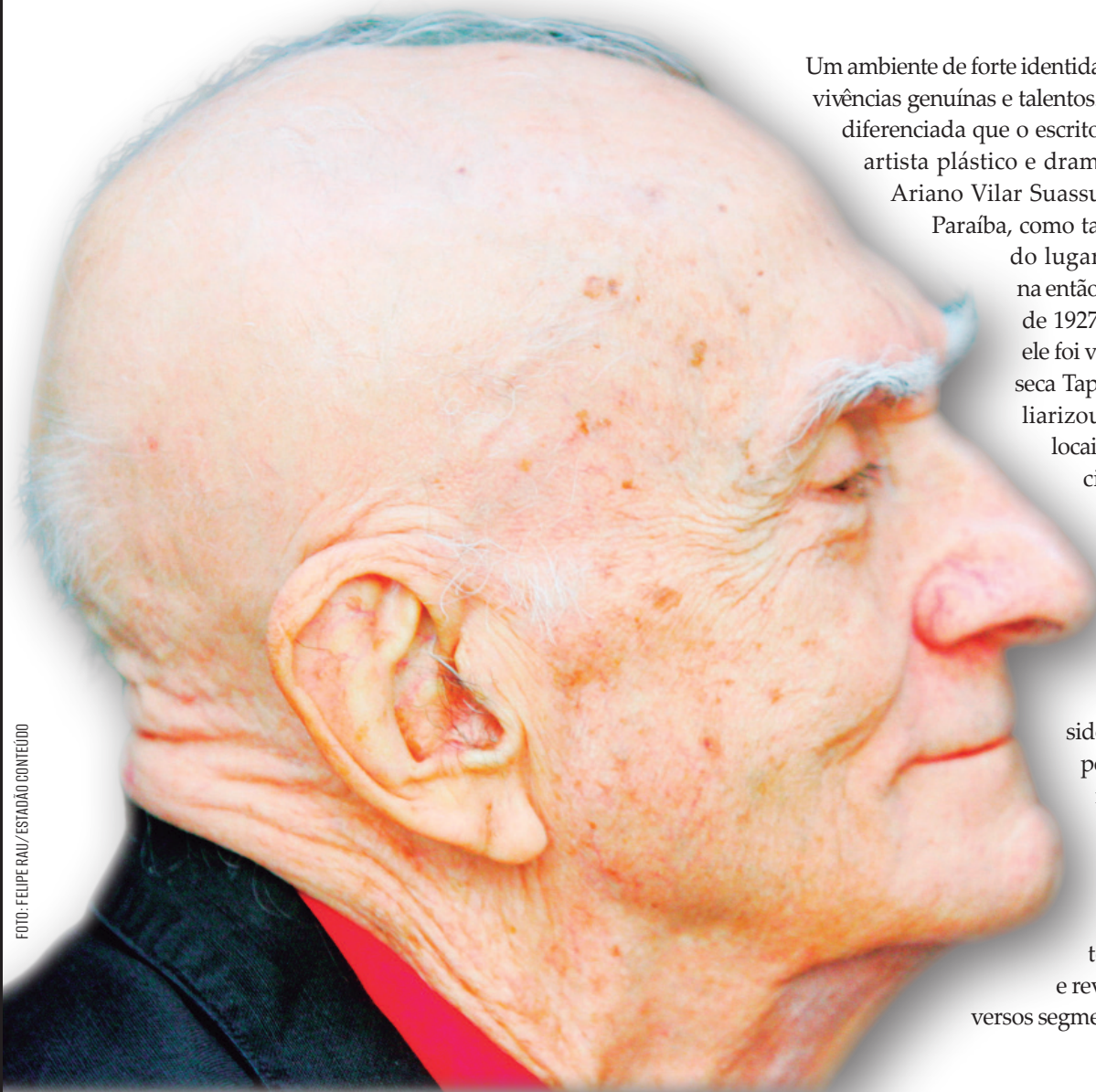


FOTO: FELIPE RAU/ESTADÃO CONTEÚDO

“A gente era acostumado a ver um Sertão seco, tórrido, e ele mostrava um Sertão brilhante. Admirava o povo brasileiro e do Nordeste, que é nosso lugar de origem. Gostava do maracatu, do bumba meu boi, do cavalo-marinho, da riqueza dessas manifestações. Ele elevou o nome da Paraíba. As cidades de Taperoá e de São José do Belmonte se destacam no mapa do mundo por causa de Ariano. No caso de Taperoá foi por meio do *Auto da Compadecida*, e São José do Belmonte foi devido à *Pedra do Reino*. Então, se a missão dele era essa, foi cumprida”, declarou o artista plástico Manuel Dantas, filho do dramaturgo.

Escrita em 1955 por Ariano Suassuna e como já indica o nome, o *Auto da Compadecida* é uma peça teatral em forma de auto — composição teatral surgida na Idade Média, de linguagem simples e extensão, geralmente com elementos cômicos ou moralizadores, nos quais os personagens simbolizam as virtudes e os pecados. Ambientada no Sertão, a peça traz referências do cordel e do barroco, enfoca as tradições religiosas e da cultura popular sertaneja. A obra projetou o autor em todo o país e, em 1962, foi considerada pelo saudoso crítico teatral mineiro, Sábato Magaldi (1927-2016), como o “texto mais popular do moderno teatro brasileiro”.

Já o *Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, publicado originalmente em 1971, conta a história de Dom Pedro Ninis Ferreira, o Quaderna. A obra está ligada à tragédia pessoal vivida pelo autor em 1930, quando seu pai, o ex-governador da Paraíba, João Suassuna, foi assassinado. No decorrer da narrativa há poesia, romance de cavalaria, epopeia e, como deixou registrado a escritora Rachel de Queiroz, ainda há outros elementos que apontam “lembrança, tradição e vivência na integração do popular ao erudito”.

Essas publicações são apenas exemplos do vasto legado do paraibano, composto por dezenas de obras. Sob o prisma suassuniano, o jeito de falar, vestir e agir do sertanejo se agiganta, sai do rol de coadjuvante para ser protagonista na cultura nacional. Segundo Manuel Dantas, a admiração que o pai cultivava pela região mais seca do país e pelas artes no geral foi impulsionada desde cedo pelo próprio ambiente familiar em que Ariano esteve inserido.



“O pai dele, quando foi presidente [governador] da Parahyba [do Norte], valorizava muito a cultura e também fazia, no Palácio do Governo, encontros de repentistas, violeiros e poetas. Então, quando Ariano perdeu o pai muito novo, procurou ver o que ele lia e gostava. Isso despertou, mais adiante, esse olhar para o universo cultural nordestino”, salientou Dantas. Vale lembrar que foi nas dependências do Palácio da Redenção, sede do executivo estadual, que Ariano Suassuna nasceu, em 16 de junho de 1927.

Segundo o escritor, poeta e compositor campinense, radicado no Rio de Janeiro desde os anos 1980, Bráulio Tavares, o primeiro grande sucesso de Ariano Suassuna explodiu no Brasil quando o dramaturgo tinha por volta de 30 anos de idade. Bráulio se referiu ao período em que o *Auto da Compadecida* foi montado no Rio e alcançou grande repercussão. “Ali estava não apenas uma dramaturgia nordestina, mas também uma maneira nordestina de falar, de atuar, de encarar os problemas sociais e a condição humana. Ariano batalhou muito para que sua visão do teatro fosse aceita — alguns críticos, por exemplo, diziam que aquelas peças não eram realistas, que havia muitas coincidências, que os personagens caíam com facilidade nos golpes e nas espertezas alheias”, comentou Tavares.

Ali estava não apenas uma dramaturgia nordestina, mas também uma maneira nordestina de falar, de atuar, de encarar os problemas sociais e a condição humana.

Bráulio Tavares

Postura independente

Braulio Tavares afirmou que o teatro da época estava muito preso ao realismo e ao racionalismo, enquanto a dramaturgia de Ariano Suassuna, recorrendo a fontes populares, explorava outro tipo de abordagem. Era uma espécie de grito de independência em relação ao teatro dos anos 1950. “Essa postura independente, de criação de conceitos próprios (mas ancorados numa cultura coletiva) foi um princípio que orientou toda a obra de Ariano, como se dissesse: ‘Nós, nordestinos, temos outras maneiras de fazer isso’”, enfocou o paraibano.

Ao refletir sobre a maneira que Ariano Suassuna enxergava a Paraíba e a região em que nascera, ele destacou que o escritor e dramaturgo tinha uma sólida formação clássica, pois lia os grandes autores da Antiguidade e europeus, sem negar essa cultura clássica, mas trazendo para perto dela a cultura popular nordestina. Braulio contou que nunca houve em Ariano algum tipo de xenofobia ou uma postura que falasse “somente o Nordeste é bom”. Bem diferente de uma atitude de segregação, ele queria aproximar esses dois extremos, firmar um diálogo.

“O primeiro romance de Ariano foi *Fernando e Isaura*, inspirado no poeta Bérroul (do século 12, que escreveu *Tristão e Isolda*) e em Matteo Bandello (em quem Shakespeare se inspirou para *Romeu e Julieta*). Ou seja, Ariano Suassuna procurava uma universalidade de sentimentos, paixões, situações humanas, mas mostrando que em cada país e em cada época esses sentimentos eram traduzidos nos termos da cultura local”.

Não há dúvida de que o escritor é um nome expressivo na literatura e na dramaturgia brasileira, um paraibano consagrado em todos os cantos do país e também fora dele. Mas, 10 anos já se passaram sem a sua presença, sem uma nova e brilhante publicação e sem suas palestras, ou melhor, “aulas-espetáculos”, que deixavam a plateia vidrada nos seus ensinamentos e causos repletos de humor. “A perda pessoal é sempre irreparável, ainda mais no

caso de uma pessoa pública, enérgica, cheia de carisma, como era o caso de Ariano. Infelizmente, as pessoas passam; o que fica delas é a lembrança, a experiência pessoal e a obra. Creio que Ariano deixou uma influência no seu estado natal e no Nordeste como um todo”, enfocou Braulio.

Ele acrescentou que esse legado se expande por todas as formas de arte. “Nem preciso falar na dramaturgia, pois nosso teatro soube assimilar muito bem as lições do *Auto da Compadecida* e das outras peças dele. Na literatura nordestina, podemos ver ecos do *Romance da Pedra do Reino* em livros de Aldo Lopes, W. J. Solha, Luiz Berto, Hermilo Borba Filho, Nei Leandro de Castro e muitos outros. Artistas plásticos como Flávio Tavares, Sérgio Lucena e Miguel dos Santos usaram a obra dele como inspiração”, completou Braulio Tavares.



FOTO: MARIA FLOR BRAZIL/ DIVULGAÇÃO

Braulio Tavares conta que a dramaturgia de Ariano Suassuna que recorria a fontes populares foi uma espécie de grito da independência em relação ao teatro dos anos 1950, muito preso ao realismo e ao racionalismo

Legado de Ariano Suassuna se expande por todas as formas de arte: desde a dramaturgia, passando pela literatura nordestina, até as artes plásticas

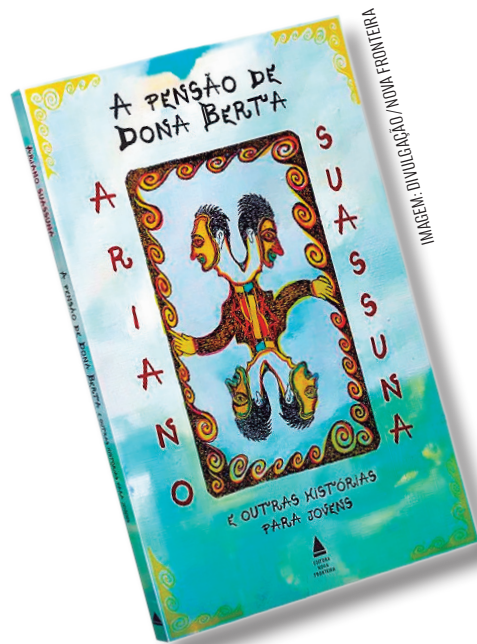
Reflexos na educação

Para Braulio Tavares, há muito a se dizer sobre a relevância do escritor na cultura nacional, mas destacou o fato de que as ações públicas de Ariano Suassuna e seu legado como artista deixaram reflexos (e reafirmaram princípios teóricos) na educação brasileira, no modo de usar o poder público para valorizar artistas sem poder econômico, na discussão (que não vai ser encerrada nunca) sobre o que é nacional e o que é popular.

Por outro lado, Tavares diz que Suassuna perpetuou uma marca profunda, como artista e como produtor cultural, no teatro, no romance, na poesia, nas artes plásticas, na música, no cordel, na escultura, no cinema e na televisão. “Deixou sua marca nos folguedos e cerimônias coletivas, com a criação da Cavalgada da Pedra do Reino; deixou até na zootecnia, com seu estímulo à criação de cabras, na Fazenda Carnaúba. Não é pouco”.

Uma das pessoas próximas do autor paraibano, que conviveu com ele durante 30 anos e está bem familiarizado com a obra de Suassuna é o professor e escritor pernambucano Carlos Newton Júnior. A ele coube, a pedido da família e do próprio Ariano, organizar as obras inéditas que o amigo deixou, assinando também a transcrição dos originais, muitos deles com correções feitas pelo autor de próprio punho. “Tenho também organizado os inéditos em antologias, gerando títulos novos, a exemplo do livro *A Pensão de Dona Berta e Outras Histórias para Jovens*, lançado em 2021”, acrescentou Newton Júnior.

Ele ressaltou que Ariano criou o que se chamou de “Teatro do Nordeste”, uma dramaturgia erudita e realizada a partir do romanceiro popular nordestino. “Também o seu romance e a sua poesia são devedores do



Lançado em 2021, 'A Pensão de Dona Berta e Outras Histórias para Jovens' é um exemplo de textos inéditos em antologias

romanceiro popular. Mas o seu papel na valorização da cultura brasileira vai além do popular e abarca também a produção erudita, uma vez que ele foi um defensor incansável da arte brasileira de qualidade, realizada em qualquer região do país”.

Erudito e popular, uma combinação que para muitos parece impensável, mas com Ariano Suassuna não só foi perfeitamente possível, como gerou um produto diferenciado, atrativo, rico em todos os sentidos culturais e artísticos. Uma tarefa para poucos, adotada por um homem que estava convicto sobre seu papel na terra. “A literatura é, para mim, um dever e uma missão, porque tenho certeza de que eu vim para o mundo para fazer uma literatura que se identificasse com meu país e meu povo”, declarou Ariano, em uma das passagens do documentário *O Senhor do Castelo* (2007), dirigida por Marcus Vilar, com produção de Durval Leal.



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Familiarizado com a obra de Suassuna, coube ao professor e escritor Carlos Newton Júnior, a pedido da família e do próprio Ariano, organizar as obras inéditas que o amigo de longa data deixou

Nova concepção da arte popular

Atrelado à defesa da cultura nordestinas, Ariano Suassuna também exaltava a língua brasileira, opondo-se não à presença, mas aos exageros do estrangeirismo e muito do que ele trazia a reboque. Consolidou suas ideias em um projeto estético que buscava criar uma arte brasileira autêntica, erudita, baseada nas raízes populares. A nova vertente artística foi chamada de Movimento Armorial e se reflete, até hoje, na literatura, teatro, dança, música, artes visuais, audiovisual, culinária e arquitetura, dentre outras, unindo as manifestações que emanam do povo e o erudito.

A incubadora do projeto inovador, naqueles anos de 1970, foi o Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde Ariano atuou como diretor e trabalhou na ideia, com o apoio de outros artistas. O lançamento oficial do projeto pioneiro ocorreu em Recife, no dia 18 de outubro de 1970, com um concerto e uma exposição de artes plásticas realizados na Igreja de São Pedro do Clérigos, no Centro da capital pernambucana.

“O Movimento Armorial talvez tenha sido o único movimento artístico brasileiro, de grande repercussão, a surgir no contexto da universidade pública, e não por meio dos meios de comunicação ou de produção cultural (editoras de livros, gravadoras de discos, produtoras de cinema, etc.)”, declarou Bráulio Tavares.

Segundo o escritor, nesse projeto, desde seu surgimento, havia uma agenda bem definida de junção da cultura clássica (por exemplo, a música erudita dos conservatórios e escolas do gênero) com a cultura anônima e popular (os músicos de rua, os rabequeiros, a cantoria de viola, o coco de embolada, os maracatus, os pastoris, etc.). “Eram duas vertentes que tinham sido meio empurradas para segundo plano pelo crescimento do *rock*, da música *pop*, dos artistas veiculados, principalmente, pelo rádio e televisão”, salientou Tavares.

Diante de uma cultura massificada que se disseminava pelo país e,

com ela, a presença do estrangeirismo em vários segmentos da sociedade, sobretudo, na língua, havia um grupo de reação a esses fatos. “Algumas gerações sucessivas de artistas e de ouvintes, como é o caso da minha geração, passaram a dar atenção à música erudita e à música popular-anônima. E chamou a atenção para essa ambiguidade do termo ‘popular’: o próprio rótulo MPB — música popular brasileira — era associado à música de gravadoras, festivais e televisão, e a música feita pelo povo, fora desse contexto, era desdenhada com o rótulo de ‘folclore’”, explicou Tavares.

O Movimento Armorial, surgido há mais de 50 anos, ainda está vivo e repercute na cultura brasileira. Segundo Tavares, “os movimentos servem para abrir portas, não para impor trajetórias”, assim cada artista cria sua trajetória de acordo com sua inclinação pessoal e é livre para administrar as influências que recebe.



FOTO: ROBERTO GUEDES

Segundo o artista plástico e filho de Ariano, Manuel Dantas Suassuna, o principal impulso do seu pai para surgir o Movimento Armorial foi a questão de criar uma arte para se opor ao estrangeirismo no Brasil

Dentro desse contexto, ele reforça que um movimento de criação artística é uma atividade que se concentra, num certo lugar e num certo tempo, em torno de algumas premissas criativas que seus membros consideram novas, ou essenciais, ou necessárias naquele momento. “As obras que eles criam produzem um impacto, e esse impacto se traduz em influência. Um movimento criativo não precisa ter ‘seguidores’, não precisa de pessoas ansiosas por uma receita ou uma fórmula. Precisa de artistas com sensibilidade suficiente para perceber o que há de novo e de importante naquele movimento, usando o que

melhor se encaixa em sua obra pessoal”, comentou.

Ele acrescentou que a maioria dessas vertentes tem uma fase mais intensa, que pode durar até algumas décadas, em que seus princípios são vigorosamente discutidos e defendidos, tornando-se de conhecimento público; depois segue-se um período em que suas conquistas são assimiladas e absorvidas pela cultura em geral.

De acordo com Braulio Tavares, “a estética armorial tem se espalhado pela música popular e erudita, pelas artes visuais, pelo *design* — não pela via de uma imitação mecânica, mas pelo entendimento dos princípios básicos do movimento e a tentativa de buscar inspiração na cultura popular”.

O artista plástico e filho de Ariano Suassuna, Manuel Dantas, afirmou que enxerga no trabalho de vários artistas atuais a presença do armorial. Entre esses nomes estão integrantes do Grupo Grial de Dança, do Rugendas (de música), ambos de Pernambuco, e também do Grupo Gesta (também de música), do Rio de Janeiro. “O principal impulso que fez surgir o Movimento Armorial foi a questão do estrangeirismo no Brasil. Ele criou uma arte para se opor a isso”, destacou Dantas.

Um dos grupos musicais que marcou o surgimento do movimento foi o Quinteto Armorial, formado em Recife, no ano de 1970, cuja proposta era unir o popular com o erudito. Até o encerramento das atividades do grupo, em 1980, eles gravaram quatro LPs. É considerado o mais importante grupo a criar uma música de câmara erudita brasileira de raízes populares.

Outra formação musical de essência armorial foi a Orquestra Armorial. Em junho deste ano, o regente do grupo, maestro Clóvis Pereira, faleceu aos 92 anos, em Recife. Uma das maiores composições da orquestra, nos anos 1970, foi a “Grande missa nordestina”.

O movimento também teve expoentes nas artes visuais, fazendo-se presente nas xilogravuras que ilustram os cordéis e em tantas outras manifestações que emanam do povo, e tendo como um de seus principais representantes o desenhista e pintor Gilvan Samico (1928-2013).



FOTO: LUCIANA SERRA/DIVULGAÇÃO

Memórias expostas

O ano de 2024 marca uma década sem a presença de Ariano Suassuna e várias homenagens em memória do escritor estão sendo realizadas na Paraíba. Uma delas é a exposição *O Auto de Ariano: o Realista Esperançoso*, em cartaz no espaço Luzzco, no bairro do Altiplano, na capital paraibana. O projeto, em formato inédito, relembra a trajetória do paraibano por meio de telas, objetos pessoais e muito colorido, numa experiência imersiva que trata dos amores do dramaturgo.

João Suassuna, neto de Ariano, é o curador da exposição. Ele contou que a ideia surgiu em 2023. “A gente percebia a profusão das experiências imersivas, mas sempre trazendo espetáculos de fora do país para o Brasil. Então, vimos a necessidade de criar uma experiência imersiva fundamentalmente nossa, retratando um gigante da cultura e da arte brasileiras, que é meu avô, Ariano Suassuna. Como ele sempre disse e defendia — in-

clusive citando um pensamento do autor russo, Tolstói: ‘Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia’. A aldeia que Ariano sempre pintou foi Taperoá, foi o Nordeste, foi o Brasil”, declarou o neto.

Ele acrescentou que foi pintando sua aldeia que o avô se tornou mais do que universal, mas também atemporal. “É isso que as pessoas vão poder encontrar no espetáculo, que é uma exaltação à figura de Ariano Suassuna. É mais do que celebrar uma memória, é levar adiante a chama imortal dele que tanto nos ilumina, nos inspira e nos impulsiona até hoje”, completou.

A exposição está aberta até o final de julho, de quarta-feira a domingo, das 14h às 21h, e a recomendação é para visitante a partir de 10 anos de idade. Quem



FOTO: CARLOS RODRIGO

for ao Luzzco neste período vai encontrar o espaço dividido em alguns ambientes, onde são apresentadas, de forma cronológica, a obra e a trajetória de Ariano. Em um desses locais vai estar a figura do “Cavaleiro sem Mancha e Sem Medo”, que é João Suassuna, pai do escritor. As pessoas também terão a oportunidade de entender a importância do circo na vida do mestre literário, que, em 2007, quando estava à frente da Secretaria de Cultura de Pernambuco, fundou o Circo da Onça Malhada.

Em cada ambiente, é possível contemplar objetos pessoais do escritor como manuscritos, a carteira de sócio do Sport Club do Recife, time do coração do paraibano, e o fardão usado por Ariano na posse da Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1990. Por exigência do escritor imortal, a vestimenta foi confeccionada pela costureira dele.

Uma das peças que chama a atenção no Luzzco, é um manequim vestido com o traje esporte fino, roupa que o escritor costumava usar da maneira dele, à la Suassuna. “Esse boneco está sentado na cadeira em que vovô utilizava para gravar o programa dele, *O canto de Ariano*,

para contar suas histórias, receber os admiradores e jornalistas”, explicou João Suassuna.

A quarta sala da exposição foi reservada à obra mais popular do paraibano, o *Auto da Compadecida*, que já foi adaptada para o inglês, francês, espanhol, italiano e até para o polonês. Segundo o curador, a obra é a mais encenada da dramaturgia brasileira, sucesso no teatro e também na televisão e no cinema. Depois de percorrer as salas físicas, o visitante irá se deparar com um amplo espaço, onde ocorre a projeção de 45 minutos. Nesse salão são apresentados todos os amores do intelectual paraibano e um resumo de sua trajetória.

João Suassuna explicou que a exposição busca transmitir a atemporalidade e universalidade do legado do escritor paraibano, disponibilizando momentos que vão do riso à reflexão. Ele reforçou a importância que o avô tem para a cultura brasileira e disse que Ariano Suassuna foi um defensor intransigente da arte nacional.

De acordo com ele, no terço final da vida, o literário paraibano assumiu um compromisso, como se o povo brasileiro tivesse lhe incumbido uma missão. “Que era exatamente a defesa

Aberta até o final de julho, na capital paraibana, a mostra dividida em diversos ambientes busca transmitir a atemporalidade e universalidade do legado de Ariano Suassuna

da cultura do povo brasileiro. Então, quando ele já era um senhor de idade, sem gostar de andar de avião, de sair muito de casa, percorreu todos os cantos do Brasil com suas aulas-espetáculos, levantando essa bandeira da cultura brasileira, espalhando arte de qualidade”.

Na exposição, é possível contemplar objetos pessoais do escritor como manuscritos, a carteira de sócio do Sport Club do Recife e o fardão usado na posse da ABL, em 1990

Um novo 'Auto' no universo cinematográfico

Quase 70 anos depois da sua publicação original e 24 anos após sua primeira versão no cinema (vinda de uma minissérie para a TV), a obra-prima de Ariano Suassuna, o *Auto da Compadecida*, estreará o segundo filme no Brasil em 25 de dezembro deste ano. “Será um presente de Natal para os brasileiros”, frisou o neto do autor, João Suassuna.

“Deverá ser lançado aqui no Recife. E estamos na expectativa desse lançamento. Ele é um novo *Auto*, porque o primeiro filme foi a obra pronta de Ariano. Agora vem esse novo e, como todo brasileiro, espero que tenha êxito”, comentou o filho do dramaturgo paraibano, Manuel Dantas.

No primeiro longa-metragem, no ano 2000, o diretor Guel Arraes seguiu a obra pronta de Ariano Suassuna. Neste segundo trabalho, ele deu andamento à trajetória dos personagens, criando uma nova história. Porém, segundo Manuel Dantas, para dar andamento à história, Arraes também bebeu na fonte suassuniana. “Ele fez uma adaptação no texto de papai e usou trechos da obra *Farsa da boa preguiça*. E isso pesou na hora de a família levar o segundo filme adiante”, afirmou Dantas.

Assim como no primeiro longa, o filme traz de volta os atores Matheus Nachtergaele e Selton Mello nos papéis de João Grilo e Chicó, respectivamente. No elenco, Taís Araújo irá interpretar Nossa Senhora, antes representada pela atriz Fernanda Montenegro. Ainda haverá a volta de Virgínia Cavendish, como Rosinha. Completando o elenco, Enrique Diaz, Humberto Martins, Luis Miranda, Eduardo Sterblitch e Fabiula Nascimento. O roteiro original é do próprio Arraes com João Falcão, além da colaboração de Adriana Falcão e Jorge Furtado.

De acordo com Manuel Dantas, *O Auto da Compadecida 2* trará

um misto de drama, comédia e romance. Da mesma maneira como ocorreu no ano 2000, será mais uma história emocionante. “A gente passou por tanta coisa difícil nos últi-

mos anos que necessitava de uma coisa positiva, e nada melhor do que uma arte bem-feita: um João Grilo e um Chicó para levantar a autoestima do povo brasileiro”.



FOTOS: LAURA CAMPANELLA/ DIVULGAÇÃO



Diretor Guel Arraes (1ª foto) nos bastidores de 'O Auto da Compadecida 2'; cena do novo longa-metragem (foto acima), que será um misto de drama, comédia e romance



Mais de duas décadas depois do primeiro filme, Selton Mello (acima) e Matheus Nachtergaele (abaixo) retornam aos papéis dos protagonistas Chicó e João Grilo, respectivamente



ILUSTRAÇÃO: TÔNIO



Antologia de poesias será lançada este ano

O Pasto Incendiado. Esse será o nome da publicação que deve ser lançada em dezembro deste ano pela Nova Fronteira. O livro reúne todas as poesias de Ariano Suassuna e marcará os 10 anos de falecimento do escritor e dramaturgo. A informação foi de Janaína Senna, responsável pelo catálogo nacional da editora. A Nova Fronteira é a casa editorial que cuida das obras de Ariano Suassuna desde 2016, visando publicar toda a obra do paraibano.

“O professor Carlos Newton Júnior fez um trabalho minucioso de fixação dos textos. Agora, estamos na fase de produção do livro que, embora vá sair em um único volume, virá dentro de uma luva”, afirmou Senna. Sem saber precisar o número de poemas que está incluído em *O Pasto Incendiado*, ela declarou aproximadamente quantas páginas terá na obra. “Confesso que não contei quantos poemas são, mas posso dizer que o livro terá mais de 600 páginas”.

Segundo Carlos Newton Jr., boa parte do novo volume trará poesias inéditas no formato de livro, uma vez que foram publicadas esparsamente em revistas e suplementos literários, ao longo dos anos, a contar de 1945. “Outra parte é totalmente inédita, fixada a partir de ‘datiloscritos’ e manuscritos. São centenas de poemas”, revelou o professor.

Missa marcará os 10 anos de “encantamento”

O lugar que inspirou a criação do *Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, São José de Belmonte, sediará, em 21 de julho, a missa que marcará os 10 anos de falecimento de Ariano Suassuna, ou melhor, “encantamento”, expressão usada pela família do artista, uma vez que a presença dele se perpetua por meio do legado deixado neste mundo. Apesar de ser um momento de saudade e respeito pela pessoa que foi o escritor, a cerimônia terá apresentações de grupos da cultura nordestina, região brasileira que Ariano tanto admirava e exaltava.

A celebração campal ocorrerá próximo à formação rochosa de São José de Belmonte, Pernambuco, na ilumiar Pedra do Reino, e contará com a presença de familiares e amigos mais próximos.

Caminhos do Frio no curso do Armorial

Em sua 19ª edição, o projeto Rota Cultural Caminhos do Frio 2024 terá como tema o Movimento Armorial. O evento, que busca incentivar e fortalecer o turismo de 10 cidades do Brejo paraibano, irá abordar a temática ao longo de toda programação, reavivando uma importante passagem do legado de Ariano Suassuna.

A iniciativa vai começar no dia 1º de julho e vai até 8 de setembro. Segundo Jaime de Souza, presidente do Fórum de Turismo do Brejo Paraibano, a escolha do tema ocorreu pela grandiosidade do conteúdo cultural do movimento, que também promove uma forte valorização da cultura popular. “A gente pensou em homenagear Ariano Suassuna, mas depois pensamos em focar algo que ele criou — o Movimento Armorial, que valoriza a cultura nordestina, popular, a literatura de cordel, o teatro, a ciranda, o coco a arte visual. Ariano Suassuna merece todas as homenagens possíveis e o

Segundo o artista plástico e filho Manuel Dantas, a missa terá apresentações de grupos de música de São José de Belmonte, de bacamar-te e de violeiros. “Será uma missa muito bonita, com as manifestações populares que ele gostava, uma celebração à vida dele. Somos católicos, acreditamos na Páscoa, na vida eterna”.

Ao comentar sobre a ausência de Ariano Suassuna na última década, Dantas não escondeu o sentimento de perda e a falta que o pai faz na vida dele. Manuel recordou que, quando estava se firmando na carreira, teve na figura paterna e materna dois incentivadores. “Ele e minha mãe foram fundamentais para minha formação de artista plástico. Quando Ariano se foi, o Brasil perdeu um grande artista e eu perdi meu pai, um ser humano iluminado, que tinha uma conversa boa. Dentro de casa, era uma pessoa tranquila, bem-humorada, um homem com uma erudição fantástica e muito feliz”.

que ele criou é tão grande quanto ele”, frisou Souza.

Elementos do Movimento Armorial, suas cores, formas, e reflexos nas peças teatrais, músicas, pinturas e danças estarão presentes durante toda a rota cultural. Até a gastronomia vai remeter à memória afetiva dos nordestinos, com pratos típicos da região com um acabamento todo especial. “Vamos ter o prato com beiju, com tapiocas coloridas, a carne do bode que seguem bem esse conceito do Movimento Armorial e vamos incluir, obviamente, a cachaça, as flores comestíveis do Brejo paraibano e a nossa identidade dentro do festival gastronômico”.

As igrejas do Brejo paraibano também serão palcos da cultura popular, com apresentações de orquestras e outros grupos. “A expectativa para esta edição é muito grande, pois vamos explorar ainda mais a cultura popular, aguardando a presença do público que aprecia a boa música, o teatro, a ciranda, o coco de roda e outras atrações”.



No ano de 2013, em sua casa, no Recife (PE), Ariano explicando uma de suas obras

Caruaru

Da região brejeira do estado para Caruaru, em Pernambuco. Esse foi um dos trajetos que as memórias de Ariano Suassuna percorreram neste primeiro semestre do ano. Em terras pernambucanas, onde o escritor e dramaturgo viveu grande parte da sua vida, seu nome foi lembrado no período junino do município.

Além de Ariano, outras quatro personalidades foram homenageadas no São João de Caruaru — Terezinha Gonzaga (mestra na arte do barro), Ângela Bacamarteira, Adolfo José (empresário e dono de uma rádio do município) e Lambreta (vereador eleito por cinco mandatos consecutivos). Esse último, a homenagem foi *in memoriam*.

Arte naïf

De acordo com Jaime de Souza, o evento também vai focar a arte naïf, incluindo na programação o trabalho do artista visual paraibano Clóvis Júnior, um dos grandes representantes desta expressão artística. O público poderá contemplar as obras do artista visual em uma exposição que será realizada durante a rota cultural.

“A arte naïf também é inspirada no Movimento Armorial. Na programação vamos ter Clóvis Júnior, que é um nome grandioso no naïf, com peças

bastantes cobiçadas no mercado”, declarou Jaime de Souza.

O Caminhos do Frio engloba os municípios de Areia, Pilões, Matinhas, Solânea, Serraria, Borborema, Remígio, Bananeiras, Alagoa Grande e Alagoa Nova. O lançamento oficial do evento ocorreu no dia 13 de junho, em Pilões.

“A rota promove a cultura popular e faz o resgate da nossa identidade”, enfocou o presidente do Fórum de Turismo do Brejo Paraibano.

**Elementos do
Movimento
Armorial estarão
presentes
durante toda a
rota cultural de
10 cidades do
Brejo paraibano**

Conheça a programação do Caminhos do Frio

Areia — de 1º a 7 de julho;
Pilões — de 8 a 14 de julho;
Matinhas — de 15 a 21 de julho;
Solânea — de 22 a 28 de julho;
Serraria — de 29 de julho a 4 de agosto;
Borborema — de 5 a 11 de agosto;
Remígio — de 12 a 18 de agosto;
Bananeiras — de 19 a 25 de agosto;
Alagoa Grande — de 26 de agosto a 1º de setembro;
Alagoa Nova — de 2 a 8 de setembro.



ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

O Senhor do Castelo

“Existem dois tipos de pessoas no planeta, os que concordam comigo e os equivocados”. A fala de Ariano Suassuna está registrada no documentário de 72 minutos — *O Senhor do Castelo* (2007), que tem direção de Marcus Vilar, produção de Durval Leal Filho e realização da Paraíwa.

O longa-metragem mostra não apenas o lado profissional de Ariano, mas também o seu pessoal, como a emoção ao reviver a infância na casa em Tape-roá. O próprio escritor é quem narra o filme, o que traz um teor de fidedignidade da realidade de Suassuna.

O pontapé para a concretização do projeto que, entre períodos de gravações e pausas, demorou 15 anos para ser concluído, foi uma das palestras de Ariano. “Eu era funcionário do Nudoc [Núcleo de Documentação Cinematográfica] da UFPB e fui cobrir uma aula-espetáculo de Ariano na reitoria, a pedido do então reitor Neroaldo Pontes. Já tinha

lido a obra dele, ouvido falar sobre Ariano, mas fui sem pretensão nenhuma. Quando comecei a ouvi-lo, fiquei enlouquecido e pensei que precisava fazer algum trabalho com ele”, contou o cineasta Marcus Vilar.

A partir de então, alguns contatos foram feitos com o escritor e se estabeleceram os cronogramas de gravações. Como todo trabalho audiovisual, não foi fácil concluir a obra, que contou com o apoio do Governo do Estado por meio da Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc), Cinemateca Brasileira, Associação Cultural da Pedra do Reino, UFPB e Canário Filmes. Entre os profissionais que participaram estão nomes como o de Braulio Tavares, Carlos Carvalho e Carlos Newton Júnior.

Durante as gravações, o cineasta pôde se familiarizar um pouco com o jeito de ser de Ariano. “Ele era uma pessoa educada e inteligente, sempre

que marcava gravação com a gente cumpria. Era muito bem-humorado, mas também crítico, cirúrgico com as palavras. Não dizia nada de graça, pois tudo que falava tinha uma função específica. Uma das minhas grandes alegrias foi ele ter visto o filme com a gente”, relembrou Vilar.

Já o produtor documentarista, Durval Leal Filho, que participou do longa desde a sua concepção, também guarda boas recordações da estrela do projeto. Ele frisou que *O Senhor do Castelo* é uma importante contribuição para as próximas gerações, uma fonte de pesquisa, pois registra parte importante história do paraibano. “Esse é o meu legado para Ariano. Colocar na tela esse brasileiro que fala da essência nordestina, esse cavaleiro armorial, criador de João Grilo, de Chicó, de *A Farsa da Boa Preguiça*, que mostra a força do Nordeste. Então, essa é a mensagem do filme”, enfocou.

Uma breve biografia

Ariano Vilar Suassuna nasceu em 16 de junho de 1927, na capital paraibana, e faleceu aos 87 anos, em 23 de julho de 2014, no Recife. Era filho de João Urbano Pessoa de Vasconcelos Suassuna e de Rita de Cássia Dantas Villar.

Formou-se em Direito e Filosofia, foi professor da Universidade Federal de Pernambuco e, ao longo de sua trajetória, exerceu a função de secretário de Cultura do estado vizinho. Durante a Revolução de 1930, o pai do escritor foi assassinado no Rio de Janeiro, o que deixa marcas profundas na sua vida, fazendo com que seus primeiros livros tenham teor triste e melancólico.

Apesar de sua obra mais popular ser o *Auto da Compadecida*, ele tem dezenas de livros como *Ode* (1955), *Dez sonetos com mote alheio* (1980), *Sonetos de Albano Cervonegro* (1985), *Poemas* (1999), *A história do amor de Fernando e Isaura* (1956), *História d’O rei degolado nas caatingas do sertão: ao sol da onça Caetana* (2015), *Romance de Dom Pantero no palco dos pecadores* (2017), *Uma mulher vestida*

de sol (1947), *Os homens de barro* (1949), *Torturas de um coração* (1950), *O casamento suspeito* (1957), *As conchambranças de Quaderna* (1987) e muitas outras publicações.

No início dos anos 1940, sua família foi morar no Recife, cidade na qual ele estudou no Ginásio Pernambucano e, mais tarde, no Colégio Oswaldo Cruz. Escreveu a sua primeira peça teatral — *Uma mulher vestida de sol* — em 1947, e, no ano seguinte, recebeu o Prêmio Nicolau Carlos Magno.

Em 1950, Ariano ganhou o Prêmio Martins Pena e, devido a uma doença no pulmão, a família voltou para Tape-roá. Em 1969, assumiu o cargo de diretor do Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco.

Ariano Suassuna foi casado com Zélia de Andrade Lima, com quem teve seis filhos. A partir do encontro com a amada, ele passa a ver a vida de forma mais otimista — se desapega da tragédia ocorrida com o pai e

passa a escrever obras mais alegres e cheias de vida.

O escritor e dramaturgo recebeu ao longo da vida várias honrarias e, em 1989, foi eleito para ocupar a cadeira 32 da Academia Brasileira de Letras (ABL), tomando posse em agosto de 1990. Ariano Suassuna ainda é membro da Academia Pernambucana de Letras, da Academia Paraibana de Letras e da Academia Tape-roense de Poesia.



ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

Alexsandra Tavares é jornalista, editora do Jornal **A União** e repórter do Correio das Artes. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

“S. Bernardo”: 90 anos

Neide Medeiros Santos
Especial para o *Correio das Artes*

Uma das grandes obras de Graciliano Ramos, romance é um dos mais impactantes do alagoano, objeto de inúmeros estudos nas universidades do Brasil

Este ano, o romance *S. Bernardo*, de Graciliano Ramos, completa 90 anos. É quase uma obra centenária e continua sendo lida, analisada, objeto de inúmeros estudos nas universidades. A respeito da gênese do romance, há depoimentos do autor que esclarecem o processo da construção do livro.

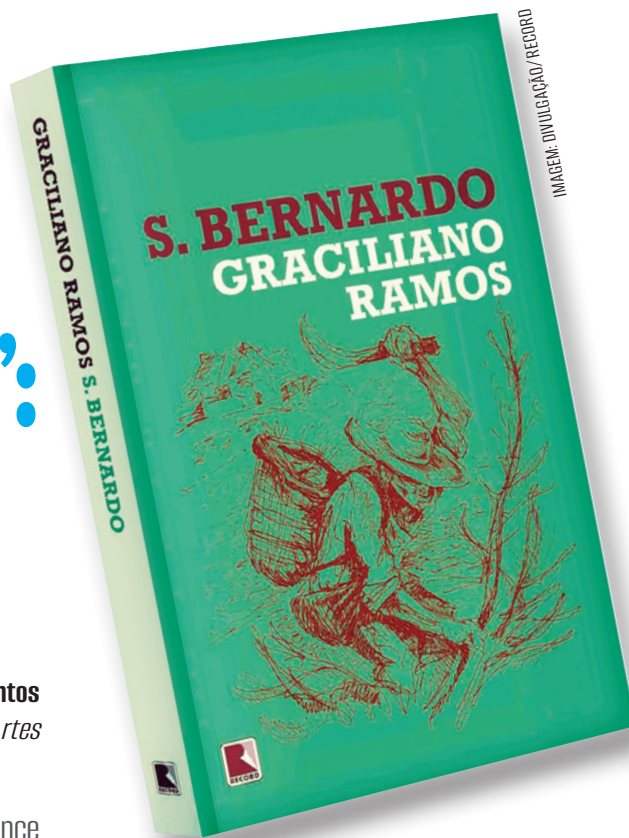
Graciliano começou a escrever *S. Bernardo* em 1932, na sacristia da Igreja Nossa Senhora do Amparo, na cidade de Palmeira dos Índios (AL). Era amigo do padre Macedo, pároco local. A publicação só ocorreu em 1934. De agosto a novembro de 1932, morando em Palmeira dos Índios, e a esposa Heloísa, em Maceió, houve correspondência frequente entre os dois e o escritor dava sempre notícias do livro.

Em carta, com data de 1º de setembro de 1932, assim se expressa: “Continuo a consertar as cercas de *S. Bernardo*. Creio que está ficando uma propriedade muito bonita. E, se Deus não mandar o contrário qualquer dia, terei de apresentá-la ao respeitável público. O último capítulo, com algumas emendas que fiz, parece que está bom”.

Sente-se o entusiasmo do autor ao escrever o seu segundo romance. O primeiro, *Caetés*, ele o considerava “chínfrim”, cheio de diálogos desnecessários, parecia “conversa de papagaios”. *S. Bernardo* seguia outra trilha, tudo indicava que tinha encontrado o caminho certo.

No início de outubro, em outra carta para a esposa, externa a satisfação que teve ao concluir o último capítulo. E diz: “E o último capítulo agrada-me. Quando o li depois dos consertos, espantei-me. Realmente suponho que sou um sujeito de muito talento. Veja como ando besta”.

Não afeito a elogios e muito menos a autoelogios, Graciliano estava satisfeito com o resultado final do seu livro, mas isso não significava que havia terminado, prosseguia podando, cortando os excessos e ainda continuaria escre-



Edição mais recente de ‘S. Bernardo’, pela Editora Record; Graciliano Ramos começou a escrever a obra em 1932, em Palmeira dos Índios, Alagoas, mas a publicação só ocorreu no ano de 1934, pela José Olympio

“A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.”

Graciliano Ramos

vendo durante o ano de 1933. Apenas em 1934, o livro foi considerado pronto para publicação.

Em *S. Bernardo*, encontramos um personagem-narrador, Paulo Honório, que conta aos leitores fatos da sua vida e a carpintaria dos bastidores. Os dois primeiros capítulos do livro são dedicados às explicações sobre o seu fazer literário, o que o motivou a escrever o livro e as dificuldades que encontrou na missão de ser escritor. Somente a partir do terceiro capítulo, vamos conhecer quem é Paulo Honório e qual foi seu “fito na vida”.

Muito já se escreveu sobre Paulo Honório, mas os textos mais bonitos do livro estão relacionados à Madalena, a mulher de Paulo Honório. Ela representa a força da mulher em sua sociedade machista, não se curvava às imposições do marido, tinha voz naquele ambiente hostil que era o seu lar e discutia com o marido, de igual para igual. Os capítulos 17 e 19, considerados os mais bonitos do livro, representam esses momentos líricos no meio da aridez e dos sentimentos mesquinhos do personagem-narrador.

Vejam algumas passagens desses dois capítulos:

Casou-nos o padre Silvestre, na capela de S. Bernardo, diante do altar de S. Pedro.

Estávamos em fins de janeiro. Os paus-d’arco, floridos, salpicavam a mata de pontos amarelos, de manhã a serra cachimbava; o riacho, depois das últimas trovoadas, cantava grosso, bancando rio, e a cascata em que se despenha, antes de entrar no açude, enfeitava-se de espuma (Cap. 17, 2006: p. 109).

O outro excerto, na opinião de Antonio Candido, é a parte mais bonita do livro:

Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste. (Cap. 19, 2006: p. 117)

Por suas ideias avançadas para a época, Madalena era considerada pelo marido como “comunista” e o fato de não professar a religião católica era também alvo de censuras. Afinal, mulher sem religião sempre despertava suspeitas.

Para construir o personagem Paulo Honório, Graciliano Ramos se inspirou nos fazendeiros dos anos 1930 da região do Nordeste. No texto *Alguns tipos sem importância*, ele dá esta explicação: “Paulo Honório reproduzia alguns coronéis assassinos e ladrões meus conhecidos”.

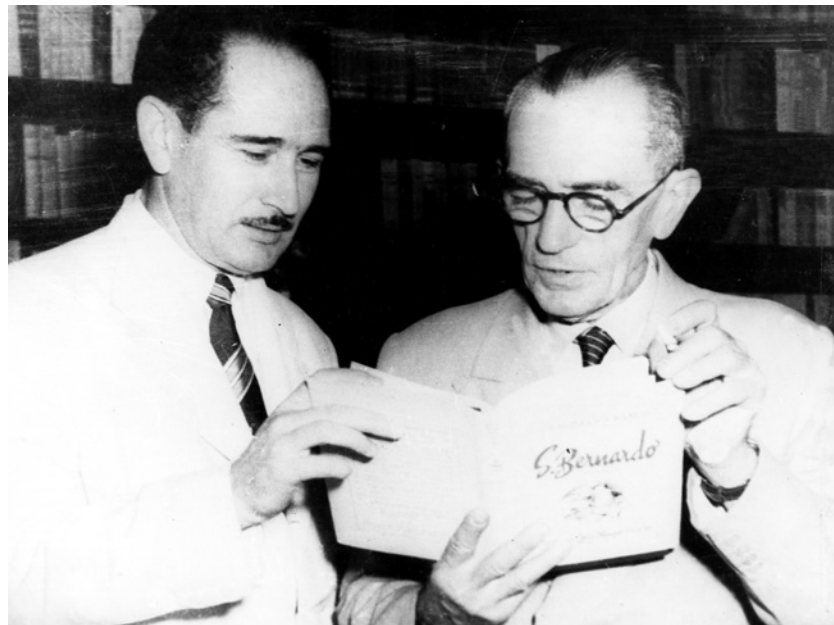


FOTO: ARQUIVO ESTÁDIO CONTEÍDO

Em São Paulo, José Olympio Pereira Filho (E), ao lado do escritor Graciliano Ramos (D), repassam as páginas da primeira edição do livro ‘S. Bernardo’, em 1934

Madalena era professora e de origem humilde. O marido a considerava subversiva, uma revolucionária, estava além do seu tempo. Se Emília era o *alter ego* de Monteiro Lobato, o mesmo se pode dizer com Madalena em relação a seu criador.

Conhecemos Madalena pelo olhar do marido, nem sempre de forma positiva, afinal, havia discrepâncias na maneira de pensar e de enfrentar a vida. Paulo Honório era ambicioso, seu mundo era o mundo do “ter”, Madalena era o oposto, vivia no mundo do “ser”.

Entre 1934 e 1937, segundo informações de Edilson Dias de Moura, no livro *Graciliano Ramos: romancista, homem público, antirracista* (Sesc: São Paulo, 2023), *S. Bernardo* colecionou mais de 40 artigos. Oscar Mendes, crítico mineiro, ligado à igreja católica, publicou na *Folha de Minas*, em 17 de janeiro de 1935, um artigo com o título *Egoísmo*. Neste texto, Mendes afirma:

“Sua heroína é inumana. A maternidade não a feminiliza. No naufrágio de sua vida conjugal, ela fica isolada, sem apoio, sem reações, sem vibrações humanas, como uma folha seca que os ventos furiosos arrastam nos seus vórtices, para todos os quadrantes. Há qualquer coisa de vago, de inconsistente, de espectral, nessa mulher que só avulta quando morre.”

Edilson de Moura considera que o crítico mineiro foi incapaz de reconhecer a atmosfera autoritária, desumana, conservadora, retrógrada do protagonista Paulo Honório, e o romance mostra o completo esmagamento da condição feminina e a impossibilidade de Madalena de participar da vida social.

Heloísa Marinho de Gusmão Medeiros (*in memoriam*), professora da UFAL, escreveu um longo ensaio sobre a presença da mulher na obra do escritor – *A mulher na obra de Graciliano Ramos* (UFAL, 1994). A respeito de Madalena, considera que Paulo Honório representava a classe machista do nordestino nas primeiras décadas do século 20, era bruto e preconceituoso, cheio de um ciúme doentio e enxergava em Madalena uma ameaça para o seu lar, mas, sobretudo, para sua propriedade.

Mulher inteligente, instruída, que lia e publicava artigos para os jornais, Madalena era o modelo da mulher emancipada, mulher culta e com visão de futuro. Entre os dois havia diferenças linguísticas, filosóficas e sociais, além do mais, não se sujeitou a entrar no mundo reificado do marido.

Se o fito na vida de Paulo Honório foi adquirir bens, tornar-se respeitado pela riqueza, bem diferente era o ideal da mulher, via na instrução “o meio para humanizar-se e humanizar a sociedade” (1994, p. 55).

Vejo muitas afinidades entre o pensamento de Madalena e o de Graciliano Ramos. Os dois almejavam um mundo mais justo e humano, um mundo em que todos tivessem os mesmos direitos, um mundo sem barreiras sociais, como está bem explícito no livro de Edilson Dias de Moura.

Quando saiu do cárcere, Graciliano escreveu uma carta a Getúlio Vargas pedindo explicações sobre sua prisão. Não tendo um objeto formal de acusação, ele deduz que tudo fora fruto de sua atuação na gestão do ensino em Alagoas. Um excerto dessa carta demonstra as afinidades no modo de pensar de Graciliano *versus* Madalena:

“[...] lá cometi um erro: encontrei 20 mil crianças nas escolas e em três anos coloquei nelas 50 mil, o que produziu celeuma. Os professores ficaram descontentes, creio eu. E o pior é que se matricularam nos grupos da capital muitos negrinhos.”

Na época em que foi diretor da instrução pública em Alagoas, instituiu concurso público para professor e só foram nomeados os aprovados. Isso desgostou muito os políticos e os apadrinhados políticos. Sua política educacional era inclusiva, eliminou os cargos de “amizade”, proibiu os castigos físicos nas escolas, forneceu material escolar e merenda. Eram iniciativas progressistas, dignas do século 21.

Em 1933, Graciliano Ramos nomeou a professora Irene Garrido, diplomada com distinção e louvor



FOTO: REPRODUÇÃO/SAGA E MAPA FILMES

Othon Bastos encarnando o personagem Paulo Honório na adaptação homônima de ‘S. Bernardo’ para o cinema (1972)

na Escola Normal de Alagoas, para ser secretária do Conselho de Educação. A docente era uma mente brilhante, pesquisadora dinâmica, introdutora do método Montessori nas escolas alagoanas, além de reunir todas essas qualidades era uma professora negra, mais um motivo para desgostar a elite alagoana.

No momento em que a obra de Graciliano Ramos se torna domínio público e *S. Bernardo* completa 90 anos de sua primeira edição, há muito o que se explorar e dizer sobre esse escritor que sabia qual o valor real das palavras e a verdadeira missão dos que se propõem a

educar. O direito à literatura, como apregoa Antonio Candido, deve se estender a todos.

Alguns críticos apontam *Angústia* como a obra-prima de Graciliano, outros indicam *Vidas Secas*. Penso um pouco diferente, considero *S. Bernardo* seu romance mais impactante. Por fim, transcrevo o poema *São Bernardo*, do contista e poeta baiano Jorge Medauar, em homenagem a Graciliano Ramos:

SÃO BERNARDO

(Último capítulo)

Para Graciliano Ramos

*Hoje não canto nem rio,
Se me vejo ao espelho
A dureza da boca e a dureza dos olhos
Me descontentam. Sou apenas um cardo
Um cardo entre ruínas.*

*Em torno
O nordeste espalha flores pelo chão
Sobre atoleiros e rios a treva desce
E cai um grande silêncio
Neste abandono.*

*Onde a esperança das safras
O mugido, o cheiro dos currais?
Nunca mais de alpercatas, chapéu de oiricuri
Nunca mais tanger cargueiros
Em manhãs de inverno.*

Madalena se foi.

*Restam-me apenas
O coração miúdo, estes dedos enormes
A casa deserta, a tibia luz da vela, pios de corujas
E esta mesa em que debrucei a fronte
Até que o sono venha
E a madrugada silencie a voz dos grilos.*

(Jorge Medauar. Morada de Paz)

Nota: Utilizamos a abreviatura *S. Bernardo* quando nos referirmos ao livro porque, em muitos escritos de Graciliano, é assim que ele apresenta o título do seu romance. Isso pode ser conferido nas cartas que escreveu para Heloísa Medeiros Ramos.

Neide Medeiros Santos é professora aposentada da UFPB, tendo lecionado Teoria Literária e Literatura Infantil. Pertence à Academia Paraibana de Letras, à UBE-PB e à Academia Feminina de Letras e Artes da Paraíba. Publicou obras como ‘Livros à espera do leitor’, ‘Autores e livros em contraponto’ e ‘Literatura paraibana em cena’.

“O Halo Âmbar”, epopeia moderna

Clemente Rosas

Especial para o *Correio das Artes*

Para Joaquim Inácio Brito



Fernando Dourado Filho concebeu a obra em cerca de cinco anos, com algumas interrupções, tendo seu pique durante a recente pandemia, quando o autor permaneceu, por quase um ano, confinado na capital francesa

A palavra “epopeia”, em acepção mais ampla, é designativa de narração, em verso ou prosa, de eventos heroicos de indivíduos, por meio de gerações. Com este conceito, no nosso país, conhecemos apenas as antigas sagas de gregos e troianos, de cavaleiros medievais e outras remotas figuras históricas.

Uma exceção pode ser encontrada no caso do livro *...A Seara de Caim*, de Rosalina Coelho Lisboa, em que o enredo começa com o final da Guerra do Paraguai e a abolição da escravidão no Brasil, e vai até os movimentos revolucionários de 1922 e 1924, em que a figura indômita de Siqueira Campos conquista, merecidamente, a admiração da autora. No entanto, a obra caiu no esquecimento.

É surpreendente que tal fato aconteça, pelas circunstâncias que envolviam a romancista. Mesmo nascida no Rio de Janeiro, ela tinha origem na cidade de Areia, que viveu fases de grande prosperidade no Brejo paraibano, com base nas culturas de cana-de-açúcar e café, importando adereços femininos diretamente de Paris, e oferecendo à cultura nordestina valores como o latinista Joaquim Silva, o modesto professor que empatou com o grande Tobias Barreto, em concurso para a cátedra da Faculdade de Direito do Recife.

Além disso, era filha do senador paraibano, da República Velha, Coelho Lisboa, e esposa do Embaixador Antônio Larragoiti. A obra traz duas nobres apresentações: de André Maurois, ícone da literatura e membro da academia francesa, e Gregório Marañón, da Academia Espanhola de História, Belas Artes, Medicina e Ciências Exatas. Estes, ao lado de outros comentadores de renome, chegam a comparar o romance com *A Cabana do Pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe, e *Guerra e Paz*, de Tolstói. E, apesar de tudo isso, eu só tive do livro uma breve referência, quando menino, por parte da minha mãe, e só fui fazer sua leitura há pouco, por sugestão do colega a quem dedico este comentário.

Temo que o mesmo aconteça com o livro aqui sob resenha, do meu amigo Fernando Dourado Filho, que, por todos os títulos, não merece tal destino. Trata-

-se de uma epopeia que começa ao final da Segunda Grande Guerra, quando o judeu Szymon, com sua filha pequena, consegue fugir da Hungria, escapando à “Solução final” de Hitler, que já havia imolado a sua esposa. Vindo para o Brasil, de início em São Paulo, depois no Recife, retoma a vida, primeiro como mecânico, depois como empresário, casa-se com uma judia brasileira e constitui nova família, com mais um casal de filhos. A narração vai até o destino desses filhos e netos, inseridos na vida brasileira e vivendo experiências as mais diversificadas.

Impressiona o vigor e a fluidez da narrativa, retratando as opções de vida da família, no contexto das transformações de um país novo, tão diferente da velha Europa. Os percalços da nossa vida política são vivenciados, e daí surgem as escolhas, às vezes extravagantes, dos jovens herdeiros. O autor recorre a um recurso original, colocando em itálico, no início de cada capítulo, algo como uma carta, uma reflexão, uma página de diário de um dos personagens, antecipando o que vai acontecer adiante, e assim estimulando a leitura.

Em minhas conversas com Ariano Suassuna, ouvi dele a observação de que parte do valor de uma obra ficcional é devida ao que ele chamou de “força dos personagens”. E posso dizer que os protagonistas e figurantes de *O Halo Âmbar* são caracterizados com tanta acuidade, tanto olho crítico, tanta sensibilidade, que bem se enquadram no conceito de Ariano. Ênfase os perfis do patriarca Szymon, da matriarca Brenda e de sua enteada, Hana, comoventes, de tão reais. Um certo grau de artificialismo vi apenas na concepção do filho Bóris, que, apesar de portador de TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade) e de esquizofrenia – com sua habitual confusão entre fantasia e realidade – torna-se um bem-sucedido empresário internacional, rico e esnobe.

Por intermédio de mais de 500 páginas, a escrita avança cheia de verve, às vezes crua, às vezes pitoresca, sem que o leitor perca o interesse em nenhum momento. A obra foi concebida ao longo de uns cinco anos, com algumas interrupções, tendo seu pique durante a recente pandemia, quando o autor permaneceu, por quase um ano, confinado em Paris, cidade em que já havia morado e estudado por vários anos. Curiosamente, o livro termina quando a moderna praga se anuncia.

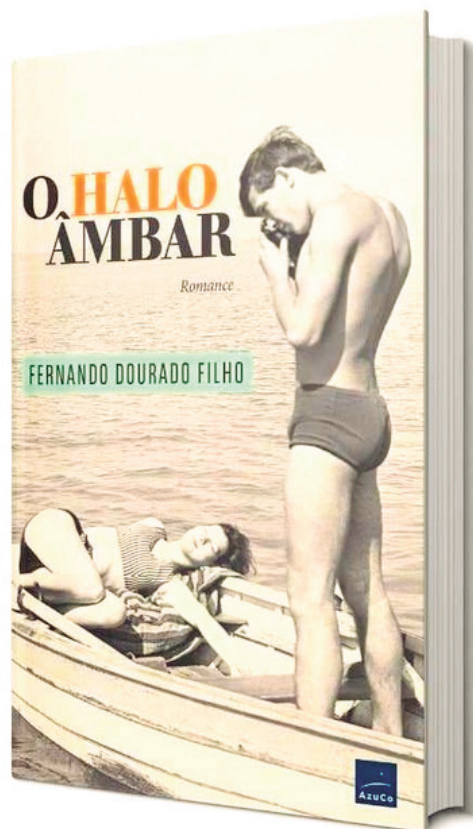


IMAGEM: DIVULGAÇÃO/AZUCO PUBLICAÇÕES

Durante a Segunda Guerra Mundial, um viúvo judeu e sua filha pequena fogem da Hungria para o Brasil; o livro mostra o destino dos filhos e netos do patriarca inseridos na vida brasileira e vivendo experiências das mais diversificadas

Com vigor e a fluidez, a narrativa retrata as opções de vida da família, no contexto das transformações de um novo país, bem diferente do Velho Mundo

Vale-se o autor, em toda a narrativa, de sua riquíssima experiência internacional. Tendo estudado e morado em diversos países europeus, bem como num *kibutz* israelense, e, trabalhando em aberturas de mercados para empresas, visitou quase o mundo todo, fala várias línguas e conhece os hábitos de muita gente. Pelas numerosas referências que faz de palavras e expressões em francês, russo, árabe, iídiche, hebraico e húngaro, inclui, ao final do livro, um glossário com as traduções. Algumas palavras foram esquecidas, mas já soube que uma segunda edição está em perspectiva, preenchendo as lacunas.

E, para finalizar, uma ressalva. O título e a foto da capa me pareceram um tanto enigmáticos, não remetem diretamente ao enredo. Mas talvez a observação que aqui faço atice a curiosidade de potenciais leitores, que convido, neste ato, a mergulhar no denso e matizado universo que Fernando Dourado Filho nos prodigalizou em seu *O Halo Âmbar*. Preparem o fôlego, amigos.

Clemente Rosas Ribeiro integrou o grupo de poetas conhecido como “Geração 59”. Publicou ‘Praia do Flamengo, 132’, ‘Coco de roda’, ‘Administração & Planejamento’, ‘Lira dos Anos Dourados’ e ‘Sonata de Outono’. Mora em Praia Formosa, Cabedelo (PB).

O menino sinhozinho e o jovem escravizado

Francisco Gil Messias
gmessias@reitoria.ufpb.br

Estava recentemente bisbilhotando numa livraria, quando dei de cara com uma edição caprichada de *Minha formação* (Editora Glaciar, Lisboa, 2015), o clássico de Joaquim Nabuco, de 1900. É certo que já possuía a obra em outras edições, inclusive uma preciosa primeira edição (H. Garnier, Livreiro-Editor, Rio de Janeiro, 1900), mas não resisti ao belo volume em capa dura, enriquecido com a introdução do português João Pereira Coutinho e o posfácio do nosso Alfredo Bosi. Esses detalhes fazem toda a diferença, como bem sabem os bibliófilos, sejam profissionais ou amadores. Mas o fato é que um livro bonito é algo prazeroso de ver, tocar e cheirar, sem falar, claro, na fruição de seu conteúdo, quando é o caso, de tal modo que não dá para não levar para casa o tesouro.

Fazia tempo que tinha lido a obra memorialista do pernambucano que entrou para nossa história liderando a luta pela abolição da escravidão em nosso país. Recordava-me vagamente, por exemplo, de sua referência à idílica infância passada no engenho Massangana, em Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco, de propriedade de sua madrinha-mãe, Dona Ana Rosa Falcão de Carvalho, e não me lembrava absolutamente do relato de seu encontro com o jovem escravizado que, fugido de uma propriedade da vizinhança, veio correndo se abraçar aos seus pés clamando por salvação. E também não tinha em mente, claro, a importância

que esse fato terminou tendo para a vida de Joaquim Nabuco e para a história do Brasil. Portanto, a compra e a leitura do livro trouxeram-me tudo isso de volta, agora sob os olhos da maturidade, mais compreensivos que críticos, ainda bem.

A passagem do tempo permite que compreendamos melhor os acontecimentos e as relações entre eles, estas, no mais das vezes, despercebidas de imediato ou no curto prazo. Por isso, os historiadores não têm pressa de analisar os fatos, deixando-os amadurecer, a fim de que mostrem mais facilmente suas várias facetas. Como ninguém pode prever o futuro, salvo os planejadores dos governos, não se pode do mesmo modo adivinhar as consequências e as implicações daquilo que acontece aqui e agora.

É nesta perspectiva, creio, que podemos hoje apreciar aquele inesperado encontro, nos meados do século 19, no engenho Massangana, entre uma criança e um jovem tão diferentes em tudo. Uma, o pequeno fidalgo Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, afilhado da proprietária do engenho; o outro, um rapazinho escravizado, fugido dos maus-tratos de seu cruel senhor, morador dos arredores. O sinhozinho tinha, segundo é dito, oito anos de idade e até então a escravidão era para ele uma coisa, digamos, “natural”, que não lhe chamara a atenção, provavelmente porque na casa onde vivia não havia violência física contra os negros, e



IMAGEM: DIVULGAÇÃO/EDITORAGLACIAR

Versão lusitana de 'Minha formação' (Glaciar), clássico de Joaquim Nabuco, lançado originalmente em 1900

estes conviviam sem confrontos com seus senhores, pelo menos na aparência. E assim teria continuado por mais tempo, supõe-se, não tivesse sido a afobada chegada, aos pés do menino, do escravizado suplicante.

Mas ouçamos a voz madura do próprio Nabuco, conforme ele, anos depois, belamente rememorou a cena em seu livro tornado clássico da literatura de língua portuguesa: “Eu estava uma tarde sentado no patamar da escada exterior da casa, quando vejo precipitar-se para mim um jovem negro desconhecido, de cerca de 18 anos, o qual se abraça aos meus pés suplicando-me pelo amor de Deus que o fizesse comprar por minha ma-

“ Não se pode esquecer, na luta abolicionista, a participação dos próprios escravizados

Alfredo Bosi

A UNIÃO

drinha para me servir. Ele vinha das vizinhanças, procurando mudar de senhor, porque o dele, dizia-me, o castigava, e ele tinha fugido com risco de vida... Foi este o traço inesperado que me descobriu a natureza da instituição com a qual eu vivera até então familiarmente, sem suspeitar a dor que ela ocultava." Eis aí o acontecimento decisivo no "caminho de Damasco" daquele que, a partir dali, converteu-se, política e intelectualmente, à causa da libertação dos escravizados brasileiros.

Segundo os críticos, este é talvez o trecho mais revelador de *Minha formação*, aquele que oferece graciosamente ao exegeta a chave do livro e da existência do autor. Creio que é justo concordar com tal afirmação, pois, de fato, aquele encontro entre o menino e o escravizado foi decisivo para o futuro abolicionismo de Nabuco, assim como este (e sua liderança) foi determinante para agilizar a abolição do regime escravocrata entre nós. Se é certo que a abolição teria vindo, mais dia menos dia, com ou sem a atuação do filho do Conselheiro Nabuco de Araújo, também é certo que a carismática ação do pernambucano antecipou em anos, o que, por si só, serviu — e serve — para coroar o seu renome para sempre. Como se sabe, existiam, em fins do século 19, outros abolicionistas importantes no Brasil, como José Mariano, Luís Gama, José do Patrocínio e André Rebouças, entre outros, mas o brilho pessoal do imponente Nabuco, homem aristocrático, alto, bonito e bem falante, fez diferença junto aos seus colegas parlamentares e principalmente junto ao povo, este, ao contrário do que se pensa, sempre sensível aos aspectos "estéticos" da política.

Alfredo Bosi ressalta que não se pode esquecer, na luta abolicionista, a participação dos próprios escravizados, através das fugas e da formação dos quilombos, além de outras formas de resistência menos ostensivas, resistências, digamos, silenciosas, não só nos eitos como nas casas-grandes. Concordo. Mas é óbvio que os escravizados, sozinhos, teriam tido muito mais dificuldades e demorariam muito mais tempo para conseguir a libertação total dos cativos, sem falar na provável violência de que revestir-se-ia o processo libertador, face a oposição armada dos senhores, na hipótese de um confronto explícito entre as duas partes. Essa a razão pela qual Nabuco e outros entenderam que a abolição deveria antes vir através de



FOTO: REPRODUÇÃO/ARQUIVO NACIONAL

uma decisão do parlamento e até mesmo do imperador, o que afinal se mostrou o caminho mais razoável e de menor custo social, a despeito da reconhecida situação de desamparo a que ficou relegada a maioria dos libertos. Daí ser razoável afirmar-se que, no caso da abolição brasileira, tivemos uma evolução e não uma revolução, como ocorreu nos EUA, onde a libertação dos escravizados misturou-se à fratricida Guerra de Secessão, com graves sequelas sociais e humanas para o país.

Vê-se, portanto, que no sensibilizado menino de engenho, de repente colocado frente a frente com a crueza do regime escravocrata, formou-se o posterior abolicionista, confirmando a frase de Machado de Assis (tão amigo de Nabuco), segundo a qual "o menino é o pai do homem". Isto o já então maduro pernambucano repetiu com outras palavras no primeiro parágrafo do capítulo "Massangana", como que corroborando, pela experiência pessoal,

Retrato do jovem fidalgo pernambucano Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo (1849-1910), afilhado da proprietária do engenho Massangana

a sabedoria do mestre de *Dom Casmurro*: "O traço todo da vida é para muitos um desenho da criança esquecido pelo homem, mas ao qual ele terá sempre que se cingir sem o saber...". Eis aí o reconhecimento da relevância da infância na decifração do homem feito, verdade tão cara aos psicanalistas.

Fecundo foi, pois, aquele distante encontro entre o sinhozinho ingênuo e o sofrido jovem escravizado defronte da casa-grande do engenho Massangana, Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco, em meados do século 19. Obra do acaso? Quem saberá dizê-lo? Como escreveu o poeta Vinícius: "A vida é a arte do encontro, embora haja tantos desencontros na vida".

Francisco Gil Messias é bacharel em Direito pela UFPB, mestre em Direito do Estado pela UFSC e foi procurador federal junto à UFPB. É autor de livros como 'O Redator de Obituários: Crônicas Artigos' e 'Talvez Ensaios', a sua obra mais recente. Mora em João Pessoa (PB).

Raniery Danta

A dor na poesia

Poetas escrevinham sobre ela...
Confessam, não é dama prazerosa;
e no jardim, tampouco flor formosa,
pintada em singeleza de aquarela.

Propaga-se por mares, tal procela,
bocarra de quimera pavorosa;
descrita verbalmente numa prosa,
é urro numa cena de novela.

Fustiga a toda hora, é ventania,
devora com seus dentes a poesia,
é 'musa' muito triste de se amar.

Com ela, não viceja a cortesia,
pra ela não existe anestesia,
é dor: não há quem possa dominar!

Viagem

Um dia, viajei pelas alturas,
vi, embaixo, florestas, catedrais;
oceanos e grutas abissais,
escultores e suas esculturas.

Vários povos, incríveis criaturas,
purgatórios, infernos e umbrais;
senti desejos, lânguidos, carnavais,
em mundos que ensinavam aventuras.

Pelos mares, perdido, naveguei,
pelas ilhas, ferido, me curei,
silente, procurei por meu espaço.

Em rios e cascatas me banhei,
o destino furtivo alinhavei,
e me achei no sorriso de um palhaço.

A sombra de um moribundo

Eu sou poeta cego, vagabundo,
e vivo cada instante evanescente;
e sinto o que nem todo mundo sente,
um quixotesco errante deste mundo.

Minha sombra se curva ao fim da tarde,
e lúgubre, vigia o submundo;
leva o peso de um pobre moribundo,
carrega a triste sina sem alarde.

Cruel quimera de uma noite escura,
oculta pelo manto da amargura,
é pesadelo mortificador!

Pantera cinza, triste e obscura,
decifra no meu ego uma loucura,
só ela compreende a minha dor.

O fantasma do poeta

Meus ouvidos escutam todo dia,
histórias e lamúrias deste mundo;
discursos de estafermo vagabundo,
que conta as suas dores em poesia.

Eu não sei qual fantasma o assedia,
de qual umbral surgiu, qual submundo;
só sei que deve ser um ser imundo,
canalha que pragueja em demasia.

Por cinzas catedrais ele serpeia,
é sombra tristemente segregada,
as mágoas dos humanos saboreia.

Na noite mais escura ele aperreia,
adentra pelo céu na madrugada,
e o poeta drogado, pisoteia.

s de Abrantes



Raniery Dantas de Abrantes é natural da cidade de Sousa, no Sertão da Paraíba. É professor da rede pública estadual da Paraíba, membro da Academia de Cordel do Vale do Paraíba (ACVPB), da União Brasileira de Escritores, Seccional Paraíba (UBE-PB), do Coletivo Anumará e da Confraria dos Bibliófilos da Paraíba. Autor de diversas obras, dentre elas 'A Dor Na Poesia' (sonetos), de 2024.





Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com



“Perfis do Norte”
foi motivado pela
indiferença dos
“intelectuais”
da época
com relação
aos valores
nordestinos

Santos Netto e seus perfilados

Santos Netto (1884-1934) publicou *Perfis do Norte*, em 1910, no Rio de Janeiro, pela Livraria Garnier. A levamos em consideração o que diz em nota introdutória, *Duas palavras*, foi motivado pela indiferença dos “intelectuais” da época com relação aos valores nordestinos.

Logo de saída, afirma, taxativamente, que “poucos são os letrados que aqui no Rio se preocupam com o movimento literário no Norte do país”. E, mais à frente, sem titubeios, assinala: “Os que se arrogam o direito de críticos, as mais das vezes, por uma deplorável insuficiência de inquérito, deixam, sem menção, substanciais elementos que seria descaso olvidar para a obra de nossa literatura”.

Sem dúvidas, as palavras que também serviriam para fotografar a nossa atualidade!

Daí, exercendo, talvez, uma atividade de teor corretivo, peculiar à tarefa crítica, traz a lume alguns nomes de autores paraibanos, traçando-lhes, assim, sugestivos perfis com o intuito de fazer-lhes justiça e, ao mesmo tempo, preencher tão grave lacuna. São eles, pela ordem: Carlos Dias Fernandes, Arthur Achilles, Castro Pinto, Rodrigues de Carvalho, Eliseu César e Augusto dos Anjos.

De cada um deles, Santos Netto revela, em especial, aspectos relevantes

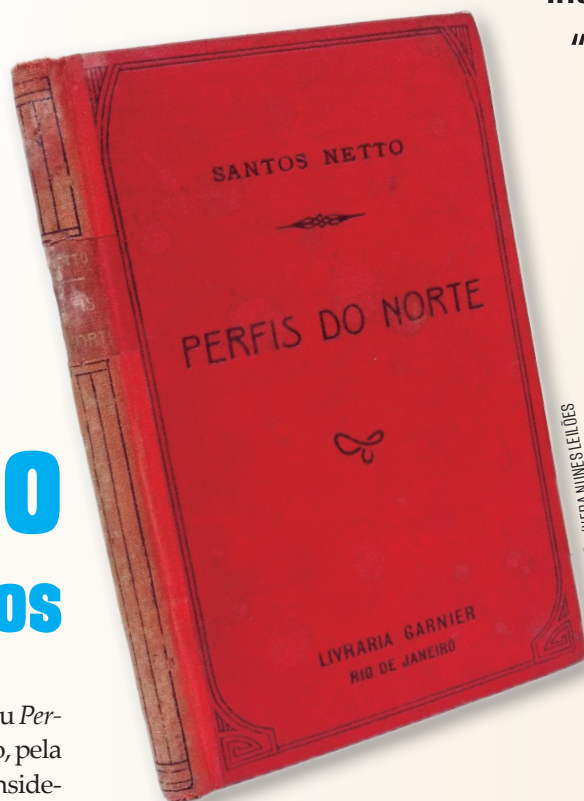


FOTO: REPRODUÇÃO/VERA NUNES LEILÕES

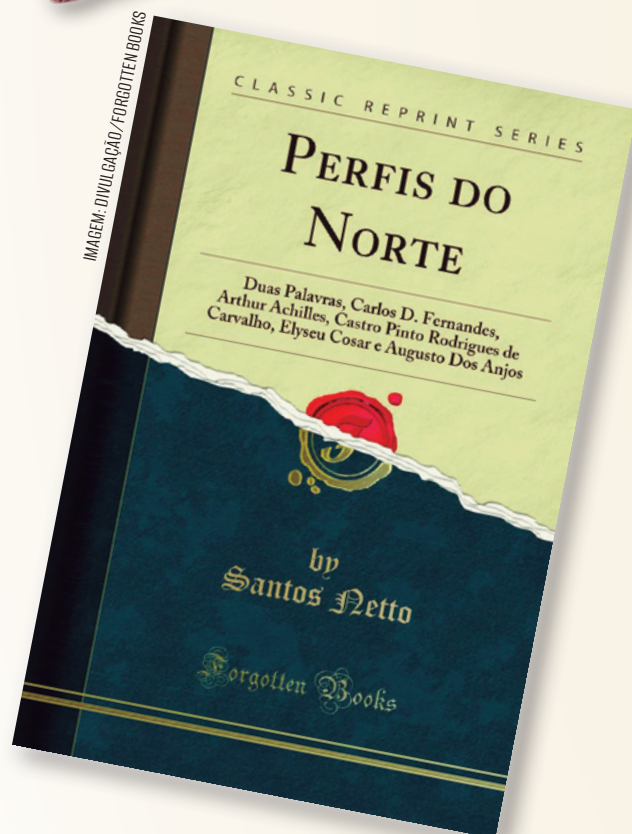


IMAGEM: DIVULGAÇÃO/ FORGOTTEN BOOKS

Duas edições da obra ‘Perfis do Norte’, de Santos Netto (1884-1934): a primeira edição (acima), de 1910, pela carioca Livraria Garnier; e a publicada pela editora britânica Forgiven Books (abaixo)

de suas respectivas trajetórias intelectuais, focalizando, sobretudo, suas incursões pelo jornalismo, pela oratória, pela crítica literária, pela ficção e por outras esferas do labor pensante e criativo.

Se o tom dos textos não esconde o ingrediente afetivo, às vezes descambiando para o encomiástico, nota-se, no entanto, aqui e ali, a preocupação com certos acentos críticos, inclusive com apontamentos de defeitos e fragilidades, a garantir, portanto, alguma isenção no desenho biográfico e na perspectiva histórica.

Enaltece a inteligência singular de Carlos Dias Fernandes e recorta as peijas e polêmicas de sua atuação jornalística, em São Paulo, no Rio de Janeiro, no Pará e em Recife. Destaca, na sua personalidade, o caráter excêntrico, a curiosidade intelectual, o temperamento febril e o espírito de liderança.

Não esquece a habilidade que o filho ilustre de Mamanguape exhibe com as palavras, tanto no trato da oralidade, exímio *causer* que era, quanto na esgrima da escrita, estilista de sabor clássico, dominando todos os gêneros literários, a saber: a poesia, o romance, o ensaio, a crônica, a crítica e o drama.

Discorre acerca de seus vínculos afetivos e estéticos com o grande poeta simbolista, Cruz e Souza, ressaltando a sua fidelidade e a sua admiração para com o autor de *Broquéis* e o seu empenho na defesa dos princípios poéticos e literários que norteavam os rumos do movimento simbolista, principalmente por meio das revistas *Meridional* e *Rosa Cruz*, por ele fundadas.

Detendo-se, mais amiúde, sobre o romance *A renegada* (1908), conclui a sua apreciação, salientando que nele há “alguns defeitos de fatura, mas o talento de Carlos toma aos nossos olhos proporções gigantescas quando, lendo-se-lhe a obra tão rigorosa de observação e de análise, se sabe que ela foi confeccionada no curto espaço de três meses”.

Arthur Achilles aparece como o jornalista íntegro, destemido, combativo, afeito às discussões dos temas políticos, econômicos, jurídicos e de psicologia social. Transcreve, de *Páginas de 20 anos*, espécie de autobiografia do intrépido jornalista, as seguintes palavras, no



FOTO: MARCOS RUSSO/ARQUIVO A UNIAO

Para Netto, Augusto dos Anjos (acima) é um poeta singular e maior, na estatura do francês Charles Baudelaire, embora, segundo suas informações, o paraibano nunca tenha lido o autor de ‘As flores do mal’

sentido de acentuar sua autonomia e independência de livre pensador: “Na República, em pleno regime ditatorial, quando o caráter nacional foi vilipendiado pelo poder exclusivo do adesismo em massa, criei o pequeno diário *A Voz do povo* e enfrentei os desconchavos da época, criticando severamente os erros da nossa primeira fase democrática”.

O intelectual e o estilista também são retratados, sobretudo quando Santos Netto cita longo trecho da “magnífica apologia” que Arthur Achilles escreveu sobre Pedro Américo, com o título de *Pátria... morta*. Sem dúvida, texto indispensável, não somente por abrir pistas de interpretação e análise da matéria pictórica, porém, sobretudo, por se constituir uma espécie de libelo acusatório contra o descaso e a indiferença com que brasileiros e paraibanos receberam os restos mortais do pintor genial.

Destacando a cultura literária e filosófica de Castro Pinto, chama

a atenção, também, para a excepcionalidade do *causer*, do orador e do jurista. Para dar testemunho da desenvoltura do mamanguapense na arte da eloquência, transcreve fragmentos de um discurso por ele pronunciado no dia 24 de setembro de 1907, na Câmara Federal, para comentar, em parágrafo conclusivo: “Não é a encenação da palavra que nada define. Ele revela um profundo conhecimento dos assuntos. Há muito brilho de forma em sua oratória e as comparações são belamente inéditas, não são absurdas”.

O escritor, sobretudo no que tange à reflexão e à exegese da crítica literária, aparece, com o estilo sóbrio e elegante, forjado na leitura dos clássicos, na “lumiosa página” escrita como prefácio ao livro *Algas*, de Eliseu César.

Rodrigues de Carvalho é abordado em sua faceta plural: o poeta, o folclorista, o advogado, especialmente o advogado comercialista. Santos Netto faz algumas restrições à expressão lírica do filho do Tauá. Baseia-se, sobretudo, em Carlos Dias Fernandes que, numa determinada página crítica, afirma que *Prismas*, no seu modo de entender, “Afora uma ou duas produções regulares {...} não resistem a uma análise percuciente”.

Segundo Santos Netto, há “inúmeros defeitos de fatura” na referida coletânea de poemas de Rodrigues de Carvalho. Vê, no entanto, uma exceção no soneto “Seios”, que ganhou fama mundo afora. Para ele, o melhor da dicção lírica do poeta encontra-se em *Poema de Maio*, “livro de um sabor muito nortista”, “confeccionado em versos de um lirismo doce e sadio”. Mesmo considerando a falta de método na elaboração do *Cancioneiro do Norte*, reconhece o valor documental e antropológico dessa obra que coloca Rodrigues de Carvalho na pequena e relevante tradição dos folcloristas nacionais, a exemplo de um Silvio Romero e de um Mello Moraes Filho.

Eliseu César está, para Santos Netto, “na linha dos melhores jornalistas brasileiros”. Se não releva seu talento de verzejador, a partir dos poemas do livro *Algas*, aprecia, com simpatia, contudo, a figura do grande tribuno e do jornalista de pena ágil e combativa. “Os seus arti-

gos na *Província do Pará*”, assegura, “sobre política, literatura e outros assuntos assinalam momentos de rutilantes vitórias”.

Seus temas preferidos giravam em torno da arte e da literatura, a exemplo da página escrita acerca de Eça de Queiroz, numa das homenagens por sua data natalícia, transcrita quase na íntegra pelo perfilador. Este chega a compará-lo, pelo temperamento e pela imaginação a José do Patrocínio.

Amigo íntimo do autor do *Eu*, com ele convivendo desde a infância, Santos Netto afirma, logo no início de seu texto: “Ninguém se sente mais apto do que eu para falar da individualidade literária de Augusto dos Anjos”. Evocando os dias na Faculdade de Direito do Recife, reconhece no poeta o criador de uma escola e um adepto da poesia científica, embora sem o ranço didático, uma vez que o inspiram as ideias filosóficas, à maneira de um Lucrecio, em *De rerum natura*.

Ressalta ainda, na personalidade do poeta, seus traços esquisitos, neuróticos, para ele, responsáveis por

uma “fisionomia triste” e pelos seus versos “horripidamente trágicos”, embora “esplendurosos e belos”. Algumas características assinaladas vão sedimentar uma tradição crítica que tende a associar o estranhamento de sua dicção lírica com causas e condições de ordem biográfica, da qual o exemplo modelar parece ser o célebre prefácio de Orris Soares à edição de 1920, acrescentada de *Outras poesias*.

Mesmo alicerçado em bases precárias e absolutamente impróprias para a exegese dos poemas, Santos Netto vê, em Augusto dos Anjos, um poeta singular, um poeta maior, na estatura de um Baudelaire, embora, segundo suas informações, o paraibano nunca tenha lido o autor de *As flores do mal*.

Pela contribuição pioneira desses curtos perfis, redigidos numa época em que os autores ainda estavam com suas respectivas obras em processo, deve-se louvar o Centro de Estudos Jurídicos e Sociais (Cejus), na pessoa de seu dirigente, o jurista e historiador José Fernandes de Andrade, pela publicação dessa obra em edição *fac-similar*, ensejando, assim, à juventude estudiosa, o acesso ao patrimônio literário do passado.

FOTOS: NEVINHA ARAÚJO/ACERVO DO IHGP



Obra recorta as pejeas e polémicas da atuação jornalística de Carlos Dias Fernandes, em São Paulo, Rio de Janeiro, Pará e Recife



No perfil de João Pereira de Castro Pinto é destacado a sua cultura literária e filosófica, além da sua excepcionalidade de *causer*, orador e jurista

Hildeberto Barbosa Filho é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL). Autor diversas obras no campo da poesia, crítica, crônica e ensaio, dentre elas: 'Nem morrer é remédio: Poesia reunida'; 'Arrecifes e lajedos: Breve itinerário da poesia na Paraíba'; 'Literatura: as fontes de prazer'; 'Os livros: a única viagem' e 'Valeu a pena'. Mora em João Pessoa (PB).

O casamento de Rita

Nelson Barros

Especial para o *Correio das Artes*

Rita Maria completou 42 anos sem nunca ter chegado perto de homem, digo, no sentido bíblico da palavra, sabe? Vontade, ela tinha. E muita. Mas a educação rigorosa da mãe, católica fervorosa, professora de catecismo, só lhe permitiria isso se fosse com as bênçãos do matrimônio, coisa que não lhe acontecera, até aquela data. Pretendentes, ela teve, e vários. O problema é que, quando os namorados se chegavam mais um pouco, em busca de alguma intimidade física, o medo de arder no local destinado aos pecadores os afastava para longe: “Só depois de casar”. Única mulher de um grupo de cinco irmãos, pegou muito buquê em festas de casamento. Nada. Vieram todos com defeito de fabricação.

Bancária, independente, cuidou da mãe até seus últimos momentos. Os irmãos não brigaram pela casa, e Rita ali ficou. Queimava de desejo, sonhava com isso o tempo todo, mas, até na hora do banho, quando se tocava, fazia orações para evitar pensamentos proibidos.

Quase todo fim de tarde, chegava do banco justo na hora em que o caminhão da limpeza urbana passava na rua. Era um momento animado, a rapaziada correndo atrás do carro, carregando tambores e fazendo gracejos. Um dia, Joaquim largou, com o sorriso mais sedutor:

— Ahh, se uma mulher dessa olhasse pra mim!

— Se enxerga, marmanjo. Ela é muita areia pro teu caminhãozinho!

Rita gostava da brincadeira. Às vezes, oferecia água gelada para os rapazes. E imaginava Joaquim, como seria ele por baixo daquele macacão.

— Ainda vou ganhar muito dinheiro. Aí lhe peço em casamento.

— Deixe de brincadeira, rapaz. Quem foi que disse que eu preciso de dinheiro de homem?

— Duvido que chamasse um lascado feito eu pra tomar sequer um café...

— Nunca tive soberba com nin-

guém, por que ia ter com você, que eu sei que é gente boa?

— Pois, então, vai me chamar quando?

O fato é que, na noite seguinte, Joaquim bateu na porta dela, arrumado, cheiroso e meio sem jeito, para quem parecia tão desenrolado.

Tinha café e bolo, e nenhum dos dois sabia muito o que fazer. Mesmo assim, a conversa foi se desenvolvendo. Ambos com o corpo fervilhando, mas Rita manteve-se firme. Inclusive, explicou para o moço o motivo da sua resistência.

— Eita, agora eu sei que não tenho chance, mesmo.

— Eu imagino. Ninguém mais



ILUSTRAÇÃO: TÓMBIO

quer saber de casamento, com tanta oferta de sexo fácil por aí.

— Não foi isso que eu quis dizer. Somente sei que uma pessoa como você nunca ia se casar com um cara da minha profissão.

— Não tô nem aí pra isso, Joaquim. Já conheci muitos do tipo que a gente diz que são bem-sucedidos, mas que não valem nada. Eu caso com quem achar melhor.

E era verdade. Tanto que, entre cafés com bolo e conversas, os dois ficaram noivos, e as bodas foram marcadas.

Falatório teve, e foi muito. Até o padre, amigo de longa data da família, quis dar o seu pitaco, mas Rita só se importava com o julgamento de Deus. E mais ninguém.

Os preparativos foram simples e rápidos. Só que, quando a data foi se aproximando, Rita se preocupou com outros detalhes. Não sabia nada de sexo e tinha vergonha de perguntar a quem quer que fosse. Menos uma pessoa.

Joana Panga era a dona do cabaré da cidade. Ganhou esse apelido por causa de romance de longa data com Juca Pangaré, que morreu nos seus aposentos, e isso é história famosa na cidade. Já beirava os 60. Ia para a missa, sem falhar um só, todos os domingos. Chegava um pouquinho depois do começo e saía antes do final, embora ainda a tempo de ouvir o “vão em paz e que o senhor vos acompanhe”.

— Tá! Por essa eu não esperava. A senhora na minha porta?

— Eu sei que a senhora deve achar estranho, mas eu vim lhe pedir um favor.

— E o que alguém como eu pode fazer por uma pessoa como a senhora?

— Não me acho melhor do que ninguém, viu? Eu lhe vejo na igreja, todo domingo. Jesus não deixou que se atirasse pedra em Maria Madalena, tá lembrada?

— Agora a senhora me quebrou. Pois me diga o que veio buscar.

— Eu posso entrar?

Joana Panga já nem se

surpreendeu mais. A moça direita pedindo para entrar na casa de perdição. Mas, uma vez lá dentro, deixou o tom de ironia:

— Me diga, minha filha, como é que eu posso lhe ajudar.

— Dona Joana, eu vou me casar...

— E quem que não sabe disso nessa cidade, criatura? Você sabe que o povo é falador e cheio de preconceito. Eu que o diga. Vai casar com Joaquim. Pode não ter dinheiro, mas eita bicho bonito. E gente boa!

— Eu sei. Mas o problema não é esse. Acontece que eu nunca tive intimidade com ninguém, sabe? Não faço ideia do que fazer.

— Hahahahaha! Mulher, a gente tá no século 21. Tais vivendo em que planeta?

Rita não se constrangeu. Era tranquila na sua resolução. E Panga também não insistiu na brincadeira.

As duas conversaram como velhas amigas, deram risadas, Rita ouviu coisas que nunca tinha ouvido, pediu para voltar, contou a Joaquim que

tinha tido essa conversa e perguntou se ele achava ruim se a mulher fosse convidada.

— Pra que essa conversa, meu amor? Eu não vejo a hora de lhe ensinar tudinho.

— Não — disse ela, rindo com um bocadinho de malícia — tem coisa que só uma mulher sabe ensinar a outra.

Panga ficou emocionada com o convite, mas recusou.

— Não, mulher, vai ter muita gente fazendo cara feia pra mim. E te julgando. Agora, se você quiser me contar, depois... eu já tô doidinha pra saber.

Vou pular os detalhes da cerimônia. Rita e Joaquim estavam mesmo era com vontade de que aquilo acabasse logo, e eu, leitor e leitora queridos, não vou fazer vocês esperarem também.

Quando o último convidado saiu da casa, onde a festa aconteceu, os dois foram para o quarto. Tudo que Rita tinha combinado com Joana Panga foi por água abaixo. Não teve banho, retirar maquiagem, tomar a champa-



nhe que estava na penteadeira com baldinho de gelo e taças, nada.

Os dois mal conseguiram desvencilhar-se das roupas, se jogaram na cama com uma fome de quem tinha passado anos no deserto. Rita achava que ia ficar louca com o que estava acontecendo no corpo dela. Um terremoto. Joaquim não acreditava que aquela mulher era dele. Eles queriam que aquilo não acabasse nunca. E, ao mesmo tempo, queriam chegar a algum lugar de sanidade naquele turbilhão.

— Eu não quero que acabe, eu não quero que acabe...

— Deixe vir, meu amor, vai ter muito mais pra você.

Aqueles corpos se apaixonaram completa e loucamente naquela noite, que só terminou de manhã. E foram felizes.

A vida era simples. Rita ia para o banco. O caminhão passava mais cedo e pegava Joaquim.

— Eu queria que você não fosse trabalhar na rua.

— E deu pra ter vergonha do meu trabalho, foi?

— Nunca. Eu fico é com ciúmes das mulheres que vão olhar pra você!

Eles riam, e partiam para sua labuta, cada um esperando a hora de chegar em casa para botar em prática os ensinamentos de Joana Panga e outros que o próprio Joaquim já sabia. A cartilha parecia não ter fim. E os dois alunos eram muitíssimo aplicados, inclusive, sempre dispostos a repetir a lição, mesmo quando não era preciso.

Eu sei, prezados leitor e leitora, que, se vocês chegaram até aqui, sabem que vai acontecer algo de ruim. Eu mesmo fiquei com muita vontade de encerrar essa história agora, com um belo “foram felizes para sempre”. Portanto, é com o coração em frangalhos que vou lhes contar: um dia, Joaquim não voltou do trabalho.

Quando se aproximava de casa, Rita achou estranho o pequeno grupo na sua porta. Reconheceu, entre as pessoas, Samuel e Pedão, colegas do marido. O peito congelou, e ela desmaiou antes de ouvir o que aconteceria. A parte de cima da caçamba se desprende e dividiu o corpo do rapaz em duas partes, sendo que uma delas foi direto para o triturador.

A turma do trabalho providenciou tudo do funeral. Embora não houvesse ali um corpo inteiro para ser velado. No caixão, uma foto do rosto de Joaquim, na janelinha de vidro. E a imaginação macabra do que estava ali dentro. Rita, depois dos rituais, foi para casa sozinha. Não demorou muito, chegou Panga.

— Vim ficar com você, minha filha. — Sentou-se no sofá e acomodou a cabeça da moça nas pernas grossas. Rita chorou até secar. Lembrou da mãe, professora do

Rita achava que ia ficar louca com o que estava acontecendo no corpo dela. Um terremoto. Joaquim não acreditava que aquela mulher era dele. Eles queriam que aquilo não acabasse nunca. E, ao mesmo tempo, queriam chegar a algum lugar de sanidade naquele turbilhão.

catecismo e se deu conta de que estava acolhida no colo da dona do cabaré, professora também. Uma ensinava o que fazer para evitar o inferno. A outra lhe ensinou como entrar direto no céu.

A viuvez tomou conta da moça por algum tempo. A saudade do marido, a dor de ter durado tão pouco. Foi Panga quem lhe disse:

— Acho que, quando se lembrar dele e sentir falta daquilo, não vai ser pecado se você se satisfizer. Pense que sua mão é a mão dele. Seu marido. Deu uma risadinha marota e foi embora.

A vida foi voltando ao normal, devagarzinho.

Uma tarde, distraída, olhando a rua, notou o carteiro. Bonitinho ele, pensou. Na verdade, bem bonitinho.

— Boa tarde. Esperando alguma carta?

— E ainda tem gente que escreve carta?

— Tem sim, senhora.

— Mesmo assim, quem lá ia escrever pra mim?

— Eu mesmo, se soubesse seu nome, porque o endereço já sei, escrevia.

— Você é muito saliente! Disse rindo. Meu nome é Rita.

No dia seguinte, bateram palmas da calçada.

— Carta pra Dona Rita!

— Isso é alguma brincadeira?

— É não, senhora. Aqui está a carta.

No envelope branco, a destinatária: Senhora Rita, rua tal, número tal, bairro tal, etc. O remetente, Anderson tal, rua tal, etc.

— Mas eu não conheço nenhum Anderson!

— Conhece, sim. Só não tá ligando nome à pessoa. E deu uma piscadela.

— E essa carta diz o quê?

— Por que a senhora não lê?

Ali mesmo, na frente dele, abriu o envelope e leu o que estava escrito: “A senhora convidaria um rapaz como eu para tomar um cafezinho?”

Nelson Barros é psicoterapeuta e escritor pernambucano radicado na Paraíba desde os anos 1970, autor dos livros ‘Coisas que escrevi para ela’, ‘Trilha Sonora’ e ‘Menino’, dentre outros, além de ser colunista regular do Jornal **A União**.

A biografia do padre Joel,

segundo Rogério Fialho

João Bosco Medeiros de Sousa
Especial para o *Correio das Artes*

Recentemente, concluí a leitura do livro de Rogério de Menezes Fialho Moreira, ou simplesmente Rogério Fialho, intitulado *O vigário de Araruna: deputado padre Joel Fialho*.

Escrita, segundo o próprio biógrafo (página 11 do livro), “praticamente em sua totalidade, no período compreendido entre maio e julho de 2006”, foi editada em João Pessoa (PB) pela MVC/Forma, em 2023. Aliás, uma bela edição, a partir da capa.

Através de 320 páginas, o texto está dividido em oito capítulos acompanhados de

FOTO: DIVULGAÇÃO/JULIANA GALVÃO



IMAGEM: DIVULGAÇÃO/MVC-FORMA



Trineto do biografado, desembargador federal e professor Rogério Fialho é o autor de ‘O Vigário de Araruna: deputado padre Joel Fialho’

uma nota do autor, de uma apresentação, pelo acadêmico Humberto Fonseca de Lucena, de um prefácio pelo também acadêmico Francisco de Sales Gaudêncio, de uma cronologia, de um informativo genealógico, de um poema cujo título é *Padre Joel*, do escritor Raimundo Dantas Carneiro, além de dois textos curtos, ambos do próprio Rogério Fialho, denominados respectivamente *Referências* e *Outras Referências*. Há, também, documentos e notas de rodapé que muito auxiliam a compreensão do texto.

No Brasil, as biografias sempre constituíram uma das mais populares vertentes literárias, embora esse gênero textual, aqui e acolá, sofra censuras sob o argumento de abrigar, uma vez por outra, obras de encomenda, sensacionalistas ou meramente panegíricas. De todo modo, a literatura brasileira tem produzido, ao longo dos anos, excelentes biografias, literária e historicamente falando, que servem de instrumento para perpetuar a memória de homens e de mulheres que se destacaram nos respectivos ramos de atividade. E, com isso, bons biógrafos têm sido consagrados pela qualidade dos seus trabalhos.

Particularmente, *O Vigário de Araruna: deputado padre Joel Fialho* é um trabalho de bom nível e cumpre o objetivo de biografar uma pessoa há muito tempo falecida, padre católico romano, e que teve notável atuação em lugares remotos do interior nordestino.

O biógrafo, Rogério Fialho, é magistrado federal, atuando como desembargador no Tribunal Regional Federal (TRF) da 5ª Região, e professor de Direito Civil na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mas também um homem de letras afeiçoado às pesquisas históricas. A condição de trineto do biografado proporcionou-lhe acesso privilegiado, porque pessoal e direito, às fontes primárias, que embasaram a necessária pesquisa: conversas com descendentes do biografado e manuseio de documentação em poder de familiares e amigos. Certamente, esses itens foram o ponto de partida da longa caminhada de Rogério Fialho para contar a história do padre Joel.

Não limitado a tais fontes, o autor buscou documentação de origem eclesiástica e de órgãos públicos para robustecer a pesquisa e facilitar o entendimento da narrativa. A coleta de informações pessoais e documentais no âmbito familiar não deve ter sido muito fácil, pois, sabidamente, investigações sobre antepassados, em regra, são capazes de gerar expectativas e desconfortos. Mas, neste caso, o biógrafo passa ao leitor a impressão de haver separado bem o “joio do trigo”, a lenda da veracidade, para, enfim, encontrar o fio condutor da narrativa e produzir o seu texto com honestidade intelectual, afastando-se tanto da hagiografia quanto da condenação da memória do biografado.

Superando tais dificuldades, o biógrafo demonstra empatia pelo biografado; empatia, aqui, no sentido de aceitação do pensamento e da ação daquele, pois em várias passagens do texto dá a sensação de “colocar-se” no lugar do padre Joel. Com efeito, o biografado é apresentado como alguém de carne e osso, com idiossincrasias que o caracterizaram no seu tempo e no seu espaço.

Vale pontuar que o tempo era a segunda metade do século 19 e as primeiras décadas do século seguinte; o espaço era o município paraibano de Araruna e arredores, além do Estado do Rio Grande do Norte, onde o biografado também foi proprietário rural e exerceu o sacerdócio. E do Estado de Pernambuco, no qual o biografado obteve a sua formação no seminário de Olinda.

O texto aborda, paralelamente, assuntos interligados com o principal, como,

**Padre Joel Fialho
(1842-1931) é
apresentado
como alguém de
carne e osso, com
idiossincrasias que o
caracterizaram no seu
tempo e no seu espaço**

por exemplo, a História da Paraíba, com ênfase no ambiente político de então, e a atuação do biografado na política e na gestão pública; e como não poderia deixar de ser, o instituto do celibato sacerdotal, da Igreja Católica Romana.

A certa altura da narrativa (página 57), porém, o biógrafo questiona sobre o porquê do seu próprio trabalho, dizendo o seguinte:

“Mas, porque a biografia do padre Joel Esdras Lins Fialho, nos seus pecadilhos e segredos familiares, dentre tantos escritos sacerdotes que caíram em tentação, poderiam interessar a mais alguém do que aos seus próprios descendentes, agora orgulhosos de sua vida pouco usual e controvertida?”

E ele mesmo esclarece essa sua perplexidade (páginas 60 e 61 do livro) e explicita a principal razão que o levou a escrever a biografia:

“Penso que histórias passadas no terreiro e ao redor da casa-grande da Fazenda Turi, contígua à matriz da freguesia de Araruna, lugares onde o padre Joel Esdras Lins Fialho pontificava, escrevendo, tramando, dirigindo a política municipal e criando sua prole na primeira, e presidindo a liturgia católica-romana na segunda, precisam ser dadas a público, pelo menos para que meus filhos e netos entendam, à luz da sociedade e da cultura de então, que o piedoso sacerdote era não apenas presbítero devotado, fazendeiro cuidadoso, político combativo, escritor apurado, mas também pai amantíssimo, e não apenas, como queria Tia Tê, tio e padrinho, de Amélia e de Júlia.”

O padre Joel nasceu em 13 de julho de 1842, no município de Areia, no Estado da Paraíba. Segundo consta, o biografado, a despeito da condição presbiteral — que lhe obrigava o celibato, a castidade e a continência sexual — teve concubina na pessoa da senhora Joanna Clementina da Silva e suas filhas, nascidas respectivamente em 1886 e 1887. Como consequência, teve netos e ampla descendência. Dentre as netas do padre Joel, Maria das Graças viria a casar com Ernesto Targino da Costa Moreira, avô do biógrafo (página 267 do livro). A propósito, merece atenção a forma respeitosa com que a senhora Joanna Clementina da Silva é mencio-

nada, ainda que superficialmente, pela biografia em comento.

Proprietário de terras e agropecuarista na Paraíba e também no Rio Grande do Norte (página 210), teve grande atuação no meio rural.

Literato reconhecido, ele deixou escritos importantes, dos quais se destacam *Questões de limites da Parahyba e Rio Grande do Norte e Criação da freguesia de S. Sebastião de Picuí* (páginas 220 e 230).

Em conclusão, é justo dizer que o livro de Rogério Fialho cumpre os requisitos das boas biografias: texto claro e objetivo; documentação probatória farta e identificada; e, por último, bibliografia escolhida e variada. E o que mais importa, transmitiu com clareza e segurança, aos leitores, a história da pessoa que em vida foi Joel Esdras Lins Fialho, um homem de personalidade singular, cujo protagonismo social ultrapassou, em grande medida, os ambientes familiares e eclesiásticos e espalhou-se pela sociedade na qual viveu.

O conteúdo da narrativa, com princípio, meio e fim bem definidos, permite ao leitor acompanhar a trajetória do biografado ao longo dos anos e, consequentemente, inserir-se, por assim dizer, no mundo em que viveu o padre Joel.

O estilo narrativo, em terceira pessoa como devem ser as biografias, vem em linguajar escorreito, liberto de metáforas, analogias e hipérboles desnecessárias, expressando uma enunciação metódica perfeitamente aliada à precisão histórica.

A relevância social da obra tem, sobretudo, o mérito de chamar atenção para a atuação dos padres católicos romanos “casados” perante as sociedades laicas de então.

Com essa biografia, portanto, o leitor fica devidamente esclarecido que o padre Joel exerceu cidadania plena, foi um cidadão por inteiro: pai de família, político, agropecuarista, dono de terras e homem de letras, sem que a sua condição de sacerdote, no gozo das prerrogativas eclesiásticas tenha-lhe vedado uma atuação social diversificada e fecunda. Demonstrar isso parece ter sido a tarefa a que se propôs o biógrafo Rogério Fialho, e, se assim foi, posso dizer que alcançou pleno êxito ao retratar quem foi e como viveu o padre Joel Esdras Lins Fialho.

João Bosco Medeiros de Sousa é membro da Academia Paraibana de Letras Jurídicas (APLJ), ocupando a cadeira nº 6 da instituição.

O amor e o ódio do eu lírico por Totonho e Herbert Vianna

Rodrigo Falcão

Especial para o *Correio das Artes*

Quem não carrega um pouco de dualidade em seu ser? Na vida real até chegar na poesia ou nas letras das músicas, isso se torna um ato de exacerbar os relacionamentos que não deram certo, ou, até mesmo, fingir a dor que deveras sente, parodiando Fernando Pessoa. Na verdade, toda vez que retratamos desilusões de amor, é ódio mesmo. Raiva é uma reação. O ódio é o sentimento de amar pelo avesso, como diz Chico Buarque tão lindamente em “Atrás da Porta”. Quando se trata do ódio e amor, caminhando sempre lado a lado, vem na minha cabeça duas músicas de Totonho e Herbert Vianna. Outro dia ouvia “Quase Um Segundo” e “Glaciais”, parecendo ter aquela atmosfera de serem parentes, isto é, as letras se concatenavam por causa dos temas.

Idealizada como uma balada de amor e ódio, a dor de cotovelo na letra de “Quase Um Segundo” foi a maneira que Herbert encontrou para esquecer o romance com Paula Toller. Melhor para o cancionista brasileiro, que ganhou uma letra linda. Depois do lançamento do disco *Bora-Bora*, em 1988, Cazuza encontra Herbert e diz de maneira carinhosa e irreverente: “Você roubou essa letra de mim”. Para Cazuza, seria a letra que ele queria fazer e nunca conseguiu. Dois anos depois, este gravaria no álbum *Burguesia*. Oito anos depois, Gal Costa gravaria no disco *Aquele Frevo Axé*, com um belo arranjo de piano e cordas. Herbert chegou a admitir: “Nunca pensei que escreveria algo tão bonito”, depois de ouvir a versão de Gal. Em 2021, Ney Matogrosso grava “Quase Um Segundo” no seu disco *Nu Com a Minha Música*, mostrando com maestria uma balada de *blues* potente. Fazendo a intersecção da dualidade da letra de Herbert, chegamos em Totonho compondo num lugar que muitos compositores criam: um boteco.

Bebé de Natércio e Totonho bebiam num bar do bairro da Torre, em João Pessoa, quando escutam alguém dizer ao lado, “Como é frio o vento da solidão”. O refrão que se tornaria uma das letras mais belas de Totonho, no disco *Totonho & Os Cabra* (2001), estava na cabeça de Bébé. Ele disse que ouviu e “deu uma arrumada”, no intuito de organizar a poesia como mote e deixá-la mais bonita. Mesmo sendo uma música retratando a solidão, o eu lírico fazia a dualidade com a pessoa amada, provocando esse frisson de aversão e êxtase. É nesse momento que os versos expressam sentimentos confusos quando retratam cores, tanto na música de Herbert quanto na música de Totonho.

Em “Glaciais”, estão nos seguintes versos, “Hoje eu acordei com uma vontade louca de te perder / De perder os sentidos / E rasgar da memória as cores do teu vestido”. A lembrança da cor do vestido é um martírio na memória do eu lírico que quer se desvencilhar, esquecer aquilo que o machucou. Já em “Quase Um Segundo”, Herbert questiona o que poderia fazer pra ter a pessoa amada de vez usando cores ou outra coisa nos seguintes versos: “Quais são as cores / E as coisas pra te prender...”. Outra passagem interessante é a forma com que a figura feminina é retratada, escancarando o amor e o ódio.

Em “Quase Um Segundo”, temos os versos: “Às vezes te odeio por quase um segundo / Depois te amo mais...”. Dessa forma, torna-se nítida a decepção amorosa e o fracasso nos versos com a fúria, e, ao mesmo tempo, o amor está ao lado como uma antítese da vida real. Com Totonho é algo semelhante, mas ele cria dois personagens e revela toda o seu sentimento diante da pessoa amada nos versos: “E esse encantamento trágico / Te deixavas louca / Eu te achava puta, santa / E ambas me tiravam do chão...”. É com esse sentimento que as letras das músicas servem de inspiração ao se entrelaçarem, deixando o dia a dia num formato de sentimento dúbio diante das situações do cotidiano na figura feminina.

Enfim, o cancionista paraibano enriquece e nós aplaudimos a grandeza de dois grandes artistas como Herbert Vianna e Totonho!

“Quase Um Segundo”

Herbert Vianna

*Eu queria ver no escuro do mundo
Onde está tudo que você quer
Pra me transformar no que te agrada
No que me faça ver
Quais são as cores
E as coisas pra te prender
Eu tive um sonho ruim e acordei chorando
Por isso eu te liguei
Será que você ainda pensa em mim
Será que você ainda pensa
Às vezes te odeio por quase um segundo
Depois te amo mais
Teus pelos, teu gosto, teu rosto, tudo
Que não me deixa em paz
Quais são as cores e as coisas pra te prender
Eu tive um sonho ruim e acordei chorando
Por isso eu te liguei*

IMAGEM: REPRODUÇÃO/EMI



Capa do disco 'Bora-Bora' (acima), do Paralamas do Sucesso, lançado originalmente em 1988, que contém a faixa “Quase Um Segundo”, escrita por Herbert Vianna (abaixo)

Compreensão da música

O autor apresenta sua visão tentando enxergar no escuro do mundo as coisas para tentar atrair a pessoa amada, com a finalidade de tentar conquistá-la. O eu lírico percebe (e canta) a derrota, já que os versos estão no pretérito, mesmo quando estão no futuro de se tornar algo que satisfaça o outro. Exemplo: “Eu queria ver no escuro do mundo / Onde está tudo que você quer / Pra me transformar no que te agrada / No que me faça ver...”.

Na sequência, o eu lírico questiona o que seria preciso pra ter a pessoa amada, e cita “cores” e “coisas”. Depois, ronda o pensamento ruim e a maneira de acordar aos prantos, resultando a procura. Um telefonema questionando com palavras ao vento que ecoam nos versos: “Será que você ainda pensa em mim / Será que você ainda pensa...”.

O eu lírico se vê dividido nos sentimentos com a pessoa amada, criando a dualidade nos versos “odeio/amo”. É nítida a presença da antítese sempre com uma ideia oposta da outra. Exemplo: “Às vezes te odeio por quase um segundo / Depois te amo mais”. Logo em seguida, a descrição é feita quase como uma obsessão erotizada e afetiva que o atormenta nos seguintes versos: “Teus pelos, teu gosto, teu rosto, tudo / Que não me deixa em paz”.

FOTO: MARCIO MERCANTE/ESTADÃO CONTEÚDO

“Glaciais”

Totonho

*Hoje eu acordei com uma vontade louca de te perder
De perder os sentidos
E rasgar da memória as cores do teu vestido
A tarde sombria que cobria de somente sobras
Eu enxergava na fresta daquela janela*

*O horizonte passando na minha porta feito um bonde
A esperança estirada, morta
No azul da amplidão*

*São frios e são glaciais
Os ventos da solidão*

*A noite rosnava sinistra na minha cabeça
Não é possível que você esqueça
Da minha língua feito um cabide
Onde penduravas tua boca*

*E esse encantamento trágico
Te deixavas louca
Eu te achava puta, santa
E ambas me tiravam do chão*

Compreensão da música

O autor relata que acorda querendo se desvencilhar da pessoa amada, mas, ao mesmo tempo, queria ficar atordoado. Nesse momento, ele personifica o sentimento, rasgando as cores do vestido da pessoa amada. A tarde é tomada e coberta por sombras, fazendo o eu lírico enxergar apenas pela fresta de uma janela. Percebe-se a inversão das palavras nos versos: “A tarde sombria que cobria de somente sobras”. O certo seria: “A tarde sombria que cobria somente de sobras”.

Em seguida, o eu lírico descreve o horizonte passando tão rápido, que faz uma comparação. Exemplo: “O horizonte passando na minha porta feito um bonde”. Podemos notar a comparação e prosopeia presente nos versos citados. Depois, a presença da hipérbole é constante nos versos, “A esperança estirada, morta / No azul da amplidão...”. O exagero é enfatizado de forma veemente.

Mais uma vez, é nítida a presença da hipérbole no tormento constante do eu lírico até com a chegada

noite. Exemplo: “A noite rosnava sinistra na minha cabeça”. Depois, o questionamento sobre o esquecimento da pessoa amada é bem presente nos versos com uma comparação. Exemplo: “Não é possível que você esqueça / Da minha língua feito um cabide / Onde penduravas tua boca”.

Na sequência, o eu lírico exprime dois personagens em um só em cima da figura feminina, fazendo alusão sem parâmetro de seus sentidos e sentimentos na forma mais crua como um paradoxo. Exemplo: “E esse encantamento trágico / Te deixavas

louca / Eu te achava puta, santa / E ambas me tiravam do chão”.

No final, a reafirmação do estado do eu lírico diante da solidão é expressa como um frio intenso nos versos: “São frios e são glaciais / Os ventos da solidão”.

Rodrigo Falcão, é professor de língua portuguesa, crítico musical e foi colunista da Tabajara FM, com o quadro ‘Eu Lírico’ (2017-2018).



Capa do disco 'Totonho & Os Cabra' (acima), apresentado em 2001, cujo repertório se encontra “Glaciais”, escrita pelo próprio Totonho (abaixo)



FOTO: RAFAEL PASSOS / DIVULGAÇÃO

Conheça um pouco mais sobre a publicação da Academia Brasileira de Letras, na qual “poesia e prosa guardam seu lugar de nobreza”



Revista Brasileira,

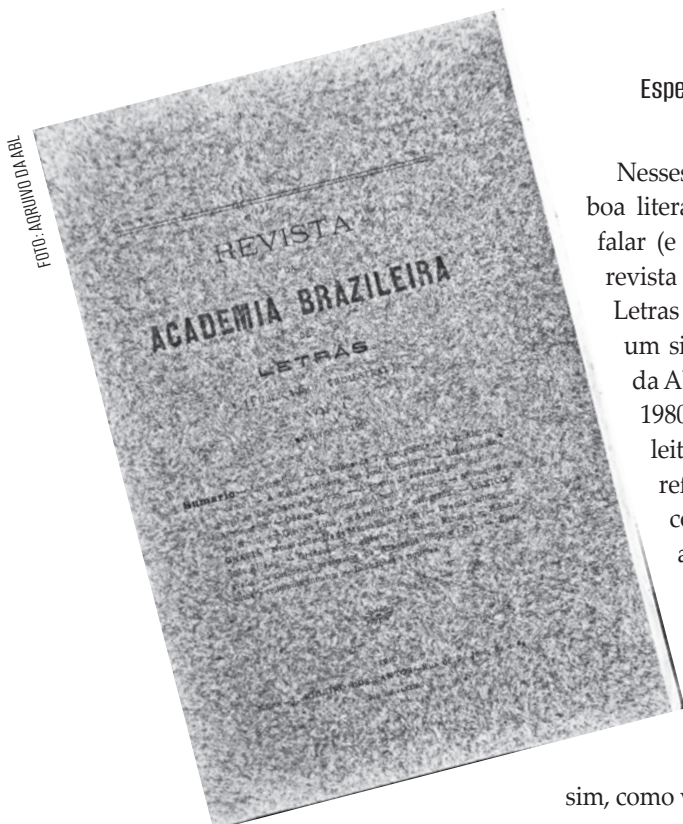
uma voz corrente entre os amantes da literatura

Fernando Vasconcelos
Especial para o *Correio das Artes*

Nesses anos todos de busca pela boa literatura, eu cheguei a ouvir falar (e até visualizei) sobre uma revista da Academia Brasileira de Letras (ABL). Até participei de um simpósio nas dependências da ABL, no Rio de Janeiro (anos 1980), mas não me detive na leitura de algum exemplar da referida publicação. Agora, com a facilidade das redes, além de tomar conhecimento, enviei um e-mail e fui prontamente atendido com uma espécie de “assinatura” gratuita da *Revista Brasileira*. E ela não é tão novinha assim, como veremos a seguir.

A história da notável publicação é reconhecida em várias fases. A primeira publicação, conhecida por usar o nome de *Revista Brasileira*, apareceu em 14 de julho de 1855, com o título de *Revista Brasileira, Jornal de Literatura, Teatros e Indústria*, fundada e dirigida pelo Dr. Francisco de Paula Menezes. Anunciava-se como quinzenal, mas só apareceu o nº 1. A segunda surgiu em 1857, com a denominação de *Revista Brasileira, Jornal de Ciências, Letras e Artes* e perdurou até 1861, perfazendo quatro volumes. Esta é conhecida como Fase I.

A Fase II, chamada de “fase Midosi”, era editada por Nicolau Midosi e publicou, regular e mensalmente, 30 números, reunidos em 10 volumes, no período de junho de 1879 a dezembro de 1881. Em suas páginas tiveram primeira publicação as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, os poemas de Fagundes Varela (incluindo *O diário de Lázaro*), a *Introdução à história da literatura brasileira*, de Sílvio Romero, aproveitada mais tarde na sua memorável *História da literatura brasileira*. Também ocorreram várias e importantes colaborações dos literatos da época.



A Fase III, conhecida como “fase José Veríssimo”, circulou de janeiro de 1895 a setembro de 1899. Foram publicados 19 tomos, com 93 fascículos. Sem dar destaque à sua condição de diretor, José Veríssimo apenas solicitava, na contracapa, que as colaborações fossem enviadas ao “Sr. José Veríssimo, director da *Revista Brasileira*, rua Ouvidor, 66”. Nesse endereço reuniam-se os escritores que fundaram a Academia Brasileira de Letras. E nas páginas da revista foram publicados os discursos proferidos na sessão inaugural, solenidade dirigida pelo presidente, Machado de Assis, e pelo secretário-geral, Joaquim Nabuco, assim como a “memória histórica” do 1º secretário, Rodrigo Otávio.

A Fase IV durou apenas de junho de 1934 a novembro de 1935, e não houve regularidade, publicando, durante 18 meses, apenas 10 números. Já a Fase V, a partir da qual a *Revista Brasileira* passou a ser publicada pela Academia Brasileira de Letras, passou quase seis anos na ociosidade e nasceu de uma proposta de Levi Carneiro, então presidente da Casa de Machado de Assis, tendo início em julho de 1941. Embora tivesse encontrado forte oposição por parte de alguns acadêmicos, insatisfeitos com a decisão de membros da Academia não poderem publicar na revista, a iniciativa teve relativo êxito. Em 1948, saiu o vigésimo número. Após uma interrupção de 10 anos, voltou a circular em 1958, ainda sob a direção de Levi Carneiro, e chegou ao nº 29, publicado em novembro de 1966.

A seguir, a publicação oscilou em várias fases, sobressaindo-se os seis volumes, aparecidos entre 1975 e 1980, sob a direção de Josué Montello. A Fase VII, sob a direção de João de Scantimburgo, abrangeu 69 números, pautando-se pelo critério da trimestralidade e circulou do último trimestre de 1994, quando voltou a ser publicada, até dezembro de 2011. A Fase seguinte (VIII) foi muito proveitosa e abrangeu 69 números, pautando-se pelo critério da trimestralidade, circulando do último trimestre de 1994, quando voltou a ser publicada, até dezembro de 2011.



FOTO: TASSO MARCELO/ESTÁDIO CONTEÚDO

Fachada da Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro (acima); exemplares da Fase IX da revista (página anterior, acima) e exemplar de 1910 (página anterior, abaixo)

A Fase atual, sob a direção de Cicero Sandroni, inicia-se em 2018 e perdura até hoje. Uma coleção completa da *Revista Brasileira* encontra-se no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, que organizou e publicou o *Índice da Revista Brasileira* das seis primeiras fases. E, ainda, está disponível, na Divisão de Informação e Documentação da Biblioteca Nacional, uma coleção microfilmada.

A atual editora da *Revista Brasileira*, Rosiska Darcy de Oliveira, assim resume sua importância: “A *Revista Brasileira* da ABL é para todos que acreditam que o direito de escolher já é, em si, a democracia. Os que detestam a democracia detestam exatamente o direito de escolha; é uma revista para pessoas com capacidade de enfrentar a complexidade do mundo, o Brasil complexo. Esses, com a sua leitura, talvez nos ajudem a responder às perguntas”.

A Academia

Para se apresentar a publicação aos leitores é importante que se fale um pouco da sua “mãe”, a Academia Brasileira de Letras (ABL). Instituição cultural inaugurada em 20 de julho de 1897, e sediada no Rio de Janeiro, tem como objetivo primordial o cultivo da língua e da literatura nacional. Compõe-se a ABL de 40 membros efetivos e perpétuos, e

20 sócios correspondentes estrangeiros. Aqui vale a recordação do discurso do então presidente Machado de Assis por ocasião da inauguração:

“Investindo-me no cargo de presidente, quisestes começar a Academia Brasileira de Letras pela consagração da idade. Se não sou o mais velho dos nossos colegas, estou entre os mais velhos. É simbólico da parte de uma instituição que conta viver, confiar da idade funções que mais de um espírito eminente exerceria melhor. Agora que vos agradeço a escolha, digovos que buscarei na medida do possível corresponder à vossa confiança”.

E completou: “Não é preciso definir esta instituição, iniciada por um moço, aceita e completada por moços: a Academia nasce com a alma nova, naturalmente ambiciosa. O vosso desejo é conservar, no meio da federação política, a unidade literária. Tal obra exige, não só a compreensão pública, mas ainda e principalmente a vossa constância. A Academia Francesa, pela qual esta se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda casta, às escolas literárias e às transformações ci-

vis. A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso. Já o batismo das suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lírica, da crítica e da eloquência nacionais é indício de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-vos fazer com que ele perdure. Passai aos vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles o transmitam aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira. Está aberta a sessão”.

A Academia, hoje presidida pelo jornalista Merval Pereira, tem procurado se modernizar, principalmente pela digitalização de arquivos e facilidade da leitura *on-line*. Instituiu alguns projetos, como “ABL na mídia”, com o apoio dos jornais *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *Correio Brasiliense*, ofertando cursos e simpósios para jovens periféricos, tendo o “Bruxo do Cosme Velho” como inspiração. O curso “Machado Quebradeiro” é voltado para a formação de novos escritores nas comunidades periféricas do Rio. Foi feita parceria entre a Academia Brasileira de Letras (ABL), a Festa Literária das Periferias (FLUP) e a Universidade das Quebradas para se ministrar um curso, que tem 50 alunos e aulas semanais ao longo de oito meses, tendo Machado de Assis como inspiração.

Segundo o acadêmico Merval Pereira, presidente da ABL, “a formação de novos escritores e a discussão em torno de Machado de Assis, na casa que ele fundou, envolvendo jovens da periferia e especialistas em sua obra, fazem parte do objetivo da Academia Brasileira de Letras, no sentido de se cultivar a língua e a literatura nacional”. Com os projetos inovadores e a abertura da Academia para as populações periféricas, inseriu-se na vetusta casa um modelo de inovação na produção de conhecimento e criação artística e literária nas periferias, pois a ABL trata, também, de abrigar um público diversificado, ampliando a sua participação na vida cotidiana do país.

A importância da publicação

Ainda falando sobre a *Revista Brasileira* ser a voz corrente entre os amantes da literatura que, combinando o clássico e o contemporâneo, a revista da ABL, mais antiga em atividade no país, voltou repaginada, sob a direção da acadêmica Rosiska Darcy de Oliveira. Além dos números impressos, hoje é disponibilizada no site da ABL (www.academia.org.br) e, a exemplo de números anteriores, serão lançadas quatro edições anuais da publicação. Cada uma delas deverá ter como pano de fundo um assunto crítico da realidade brasileira. Na edição de estreia, o tema escolhido foi “Amazônias”.

Segundo Rosiska, a diretora da publicação, o assunto se impõe como uma ilustração do que a revista pretende: “Contemporaneidade, relevância, diversidade de opiniões, respeito pela memória ancestral e anúncio do que está por vir. Poesia e prosa guardam seu lugar de nobreza. As páginas se abrem agora para a fotografia, o cinema, o palco, a música, as artes plásticas, as novas linguagens e os movimentos culturais. A ciência e a tecnologia vêm juntar-se a todas as artes na tessitura de um mundo surpreendente”.

Com novas seções dedicadas à ciência, tecnologia, cinema, música e fotografia, esse primeiro número da nova fase traz uma longa entrevista com o fotógrafo Sebastião Salgado, mostrando seu trabalho na floresta. Recém-eleito imortal, o médico Paulo Niemeyer Filho estreou com um texto sobre a criatividade e o cérebro. Os movimentos culturais, com destaque para o legado da semana de Arte Moderna, são abordados pelo acadêmico Antônio Carlos Secchin e por José Miguel Wisnik. Há também uma seção de poesia cantada, composta por letras de canções, entrevistas e artigos assinados pelos acadêmicos Gilberto Gil, Antônio Cicero e pela jornalista e escritora Regina Zappa. Ainda há os “Ficcionistas da Casa de Machado”: os acadêmicos Paulo Coelho, João Almino, Ignácio de Loyola Brandão e Antônio Torres, que se revezam sobre o seu universo de criação. Outros grandes nomes da cultura nacional também estão presentes.

Modernizada, a revista traz, ainda, uma sessão dedicada às cerimônias realizadas na ABL, trazendo discursos de posse dos acadêmicos, dos que recebem

FOTO: FÁBIO MONTA/ESTADÃO CONTEÚDO



Atual editora da ‘Revista Brasileira’, Rosiska Darcy de Oliveira (acima) e uma edição da fase vigente (abaixo)

os imortais, notícias e saudações a vencedores de prêmios literários. Também é noticiado (e comentado) o lançamento de livros dos acadêmicos, além de referências a várias publicações. Os números da revista da ABL são guardados no “Arquivo da ABL”, que é composto por duas linhas de acervo: o “Arquivo dos Acadêmicos”, com a documentação pessoal dos membros efetivos, patronos e sócios correspondentes; e o “Arquivo Institucional”, com a documentação administrativa e funcional, produzida, recebida e acumulada em decorrência das atividades-meio e atividades-fim da instituição. Esses documentos, acumulados pela Academia desde a sua fundação, em 1897, recebem tratamento de acordo com as normas arquivísticas contemporâneas.

Assim, vida longa para a *Revista Brasileira*!



FOTO: DIVULGAÇÃO/ABL

Vem aí o novo livro de André Ricardo Aguiar

João Batista de Brito
Especial para o *Correio das Artes*

Com o título provisório de “Poemas Reunidos”, os leitores poderão constatar o refinamento nos versos do paraibano

Com o título provisório de *Poemas Reunidos*, está saindo do prelo o novo livro de André Ricardo Aguiar, cujo prefácio me foi solicitado e aqui parcialmente o antecipo.

Neste livro tenho a chance de constatar como a poesia de André Ricardo se refinou, desde os tempos do seu primeiro *Alvenaria*. Só não se refinou mais porque já o era então. Tanto é assim que a cronologia inversa dada aos poemas, dos recentes aos mais antigos, quase não pesa. A rigor, essa disposição destaca aquilo que é essencial na poética de André Ricardo: em qualquer tempo, seu trato lúdico com a palavra, sua dicção pessoal, seu estilo próprio, enfim, sua qualidade poética. E vale lembrar: a magia de inventar mundos paralelos, a capacidade de fundar o inesperado, o poder de tirar beleza de seus espantos com a vida, seu jeito irônico, sutil, precioso, de brincar com o informulável, e conceder dimensão filosófica ao formulado.

As vozes alheias o visitam, sim, mas sem comprometer sua essência. Bashô, Borges, Lorca, Dickinson, Baudelaire, Drummond, Wislawa, além dos mais próximos, Sérgio de Castro Pinto e Lúcio Lins. Mitos como os de Sísifo, Ícaro e Prometeu são narrativas que comparecem com certa assiduidade, às vezes em poemas que nem dizem seus nomes. Maliciosamente adotadas, essas visitas encantam o leitor, e tornam tudo, contraditoriamente, mais genuíno.



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Para comentar mais de perto, tomo um poema como ilustração.

Poderia ser esse belo e tocante *O poema não rende trocados*, em que o eu lírico veste os trapos de um palhaço ineficaz, rejeitado pelo público pagante, mirado de longe por um anjo maldoso. Ou o não menos belo *Bosque*, declaração de uma poética toda feita a partir da atividade da caça, e que se encerra com um enorme e verdadeiro paradoxo: “O que vale é o urro de presa que cai / na trapaça e quanto mais dentro / mais livre: palavra”. Ou o perturbador “A beleza é uma paisagem trêmula”, irônica reflexão sobre a angústia da influência, em que nem a genialidade de Borges ajuda, pois “o coração original do poema é uma catedral em si”.

Poderiam ser muitos outros, mas escolhi esse delicioso *Média*, que, como veremos, cabe na série das muitas “miudezas”, série tão exemplar do fazer poético de André Ricardo. Leiamos:

Média

*também faço poemas dentro de cafés
arrisco o grão arisco
dessa coisa que não decide, quente ou frio
mofo de achar a realidade mais solúvel
enquanto paisagens de rostos
e o burburinho dos cardápios
insistem em mexer
a invisível colherzinha
que me dissolve
na vida.*

Aqui sua estratégia de falar de uma coisa dizendo outra é perfeita. Vejam que, lido de um primeiro gole, o poema confirma, desde o título, a referência ao óbvio, ou seja, à bebida (café) e seu local de consumo. No eixo paradigmático, as palavras escolhidas reforçam esse motivo descritivo: cafés / grão / arisco / quente / frio / solúvel / cardápios / mexer / colherzinha / dissolve /...

É o eixo sintagmático que nos alerta para uma segunda camada de significação, coisa que acontece de modo claro nos versos finais, nada descritivos. A “colherzinha” que, na primeira acepção, dissolveria o açúcar, agora “me dissolve a vida”. Nesse instante final, o leitor é tentado a refazer a leitura do poema, agora com o sentido de /existência/ a tiracolo. Assim o metalinguístico primeiro verso (“também faço poemas dentro de cafés”) ganha uma acepção irônica, e prepara o leitor para ir buscar sentidos dúbios para termos ou expressões que

antes pareciam literais: “arrisco”, “arisco”, “coisa que não decide”, “realidade”, “solúvel”, “paisagens de rostos”... como se escondessem uma narrativa privada, mais ou menos “invisível”. Tudo agora é dúbio (“quente ou frio”) e não há como vencer essa dubiedade, simplesmente por se tratar da dubiedade da vida. O efeito final, de ordem naturalmente estética, é a mistura inconsútil (daí *Média*) do literal e figurado, os dois se dissolvendo num só corpo – vou usar o termo de novo – “invisível”.

Quase tudo que aqui acontece se derrama pelo livro inteiro; por isso, estou sugerindo este poema como uma espécie de chave de leitura. Naturalmente, os temas são vários, mas a estratégia tem mais ou menos a mesma mágica. Falando de palitos, bolhas de sabão, fósforos, chumaços de algodão, xícaras, grilos, moscas, vacas, bosques, feiras, flautas, girafas, abajures, cigarros, mares, lâmpadas, canetas, livros, torneiras, casas, gatos... o mesmo intrincado comportamento semiótico se revela, embora, em cada caso, com novos torneios estilísticos, causando novos impactos, suscitando novas perplexidades. Como sugerido acima, esse jogo sutil de casar literalidade e figuração tem efeitos colaterais de ordem transcendente. Sobre tudo naqueles poemas mais conceituais onde o concreto e o abstrato, o ser e o não ser, o micro e o macro, se tocam e, eventualmente, se confundem. Conferir



IMAGEM: TITIANO/REPRODUÇÃO

Na nova obra, mitos como Sísifo (imagem acima), Ícaro e Prometeu são narrativas que aparecem em determinados poemas que nem dizem seus nomes

poemas como *Big Bang*, *Um pasto*, *Inominado e dúbio*, *O abajur*...

Jogar com campos semânticos diferentes – eventualmente antagonísticos – e uni-los num todo inconsútil é comum na poética de todas as tendências, mas aqui chamo a atenção para o modo como isto é feito, um modo inventivo todo particular, inconfundível mesmo, com uma graça e leveza toda especial, a deixar, no leitor, aquela sensação perturbadoramente agradável de novidade.

Como sabemos, nós que somos seus amigos, além de poeta, André Ricardo Aguiar também é um grande cinéfilo. Pois, se me for permitido, faço aqui uma confissão bem privada. É que, sendo amante do cinema como ele, alimento uma inveja doentia de seus poemas sobre a sétima arte. Um dos que mais me incomoda é este *Fiat cinema*, que tenho a esperança de um dia poder incluir como epígrafe a um livro de minha autoria. Nele – aguardem o livro – se faz a proposta de uma nova Bíblia, uma em que o mundo teria sido criado por “Lumière”, sobrenome que, não esqueçamos, em bom francês, significa “luz”.

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB).

“A Casa Demolida”

uma obra-prima do cronicário nacional

José Mário da Silva

Especial para o *Correio das Artes*

Etiquetada por muitos teóricos e críticos como um gênero menor da literatura, sendo incapaz, por isso mesmo, de se equiparar a outros mais nobres e que parecem já ter cadeira cativa da República das Letras, a crônica, sem preocupações classificatórias apequenadoras, segue o seu itinerário de chegadas e andanças no diversificado território da linguagem.

Errante e peregrina, a crônica faz do não ser e da imprevisibilidade conceitual a cartografia privilegiada de sua proteica e sedutora identidade, toda ela voltada para o movediço terreno da cidade moderna, onde cada vez mais desenraizado, o homem cumpre o seu temerário percurso de luzes e sombras. *A Casa Demolida*, clássico livro do escritor Sérgio Porto, é um exímio exemplo de uma crônica literária que consorcia admiravelmente refinamento estilístico com comovente verdade humana.

Dividido em cinco partes — na verdade, cinco cômodos da metafórica casa que Sérgio Porto esculpiu com a singular sensibilidade lírica de que era dotado —, o livro, sobretudo na parte introdutória, insere-se no porto de uma dimensão mítico-nostálgica. Nela, o narrador, que se delinea no corpo poético da linguagem, revela seu sentido desconforto com a inflexível passagem do tempo; passagem essa que produz inúmeras perdas, sendo uma das mais dolorosas, a da infância. A infância querida, que os anos não trazem mais, para evocarmos os tocantes e imperecíveis versos de Casimiro de Abreu.

Aqui, a infância é personagem principal de ruas acontechantes e casas amplas, nas quais havia espaço para a

convivência fraterna e para o ludismo comportamental mais libertário. Aqui, celebrada como se não houvesse tempo para acabar, a infância é irmã siamesa do sonho e amiga inseparável da liberdade.

Contudo, entre o ideal e o real interpõem-se, às vezes, abismos intransponíveis. Um deles — talvez o mais perigoso e inevitável — é o tempo, que passa, e no qual passamos também. Com a esmagadora e impiedosa passagem do tempo, a casa finda sendo inapelavelmente demolida, tanto no plano físico quanto espiritual. Naquele, é a especulação imobiliária que, ávida pelo progresso do futuro, erige seu império sobre os escombros do passado e da memória; neste, é a interioridade humana que é demolida, plasmando-se, em seu lugar, a saudade sem cura, e o vazio sem solução.

Mas a crônica literária, como toda arte que se preza, constitui-se como um reduto ético de resistência a tudo quanto insiste em amesquinhar o homem, dele subtraindo a cálida zona das suas mais significativas experiências. É quando o cronista, face a face com as fotografias sinalizadoras dos tempos definitivamente mortos, sentencia em explícito diálogo intertextual com Manuel Bandeira: “A casa demoliram, mas o menino ainda existe”.

É esse menino que não morre, nem morrerá jamais, que propicia ao cronista fabuloso que foi Sérgio Porto, a energia necessária para conviver com as ruínas de uma subjetividade inapelavelmente mutilada. Sabedor que a autêntica literatura potencializa-se nas tramas engendradas pela linguagem em sua estruturação estética, conforme preconizava o mestre Eduardo Portella, Sérgio Porto arquitetou crônicas perfeitas, nas quais o passeio pelos vãos e desvãos da memória conferiu régua e compasso a um narrador tão sofrido quanto fraterno e solidário com quem, semelhantemente a ele, também pranteia os estilhaços irrecuperáveis de alguma casa igualmente demolida.

Paulo Mendes Campos, outro soberbo cronista brasileiro, afirmou em seu emblemático livro *O Anjo Bêbado*, que “as cidades mudam mais depressa do que os homens”. Por esse patamar,



Sérgio Porto arquitetou crônicas nas quais o passeio pelos vãos e desvãos da memória conferiu régua e compasso a um narrador tão sofrido quanto fraterno e solidário



Capa da edição da Agir, lançada em 2007: crônica literária que consorcia admiravelmente refinamento estilístico com comovente verdade humana

A Casa Demolida é, de igual modo, a narrativa elegíaca de uma cidade que, a pouco e pouco, em seu irreversível processo de transformação urbana, desumanizou-se e desumanizou o homem que nela habitava.

No lugar da casa, agora demolida, ganha relevo o arranha-céu, em cujo interior por vezes frio e impessoal, o homem não passa de um número, uma agônica ilha de incomunicabilidade. No segundo cômodo da casa, belamente reconstituído, o perfil de pessoas realmente existentes ou poeticamente transfiguradas é recortado com a habilidosa mão do esteta das palavras, que foi Sérgio Porto.

Pedro Cavalinho, Dolores Duran, Heleno de Freitas, a cozinheira Almirra, o palhaço Benjamim de Oliveira, o escafandrista da aurora, dentre outros arrolados na trama, compõem um código onomástico tão variado quanto rico de densidade humana e apuro estético. Pessoas da vida real são transforma-

das em verdadeiras personagens, tudo resultado e fruto da capacidade que Sérgio Porto tinha de observar o real e transfigurá-lo nas asas, lépidas, da sua poderosa sensibilidade.

Nos três cômodos restantes da casa, Sérgio Porto alarga o compasso do seu horizonte literário, e se mostra o fino observador da vida como ela é, notadamente a que se delineia no campo das relações amorosas, palco reiterado de encontros memoráveis e desencontros melancólicos.

Na inspeção do que se passa nos bastidores das paixões entre um homem e uma mulher, Sérgio Porto converte-se no atilado repórter, que leva a câmera, numa mão, e o humor, na outra, assumindo frequentemente a tonalidade risível própria

dos escritos de Stanislaw Ponte Preta, pródigo em vergastar o festival de besteiras que nunca deixou de assolar o país. Como bem assinala Eduardo Portella em certa apreciação de *A Casa Demolida*, “Sérgio Porto e Stanislaw Ponte Preta são o mesmo, mas são bem diferentes, algo assim como o que ocorre com os heterônimos de Fernando Pessoa, porque Sérgio Porto é um plural”.

Ciente de que a literatura humorística, conquanto seja um poderoso instrumento de combate a todos os signos da desfaçatez cotidiana, corre o risco de ser tragada, por uma espécie de transcendência datada, ainda de acordo com as lições expendidas por Eduardo Portella, Sérgio Porto busca caminhos estéticos amplificados, nos quais os investimentos linguísticos sedimentadores dos estatutos da literariedade são o compromisso infrangível do festejado cronista.

Eduardo Portella ainda nos ensina que, contra o desejo da ordem, a crônica aposta na ordem do desejo, ao assinalar pactos duradouros de convivência com a transgressão que, no final das contas, é apanágio congênito da ontologia íntima da arte. Sendo arte literária da melhor qualidade, a crônica, em sua essência indesejável, assume indisfarçável feição bifronte: é tanto a casa demolida quanto a casa reconstruída; a renovada confissão de que a literatura, como toda arte, mostra que a vida somente não basta, conforme sinaliza Fernando Pessoa em sua ensaística.

A Casa Demolida, no final das contas, finda demolindo o insistente preconceito de teóricos e críticos da literatura, que insistem em reservar para a crônica um papel epifenomênico no universo dos gêneros literários. Reinventando liricamente a realidade; espiando todas as frestas da cidade, e mergulhando nos abismos da interioridade humana, sem abrir mão da leveza tonal que a essencializa, a crônica é literatura de primeira linha. *A Casa Demolida* que o diga, um verdadeiro gol de placa na grande área de uma extraordinária modalidade do fazer literário que tem na crônica um dos seus mais autênticos intérpretes.

José Mário da Silva é professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL) e da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG). Mora em Campina Grande (PB).



Larissa Rodrigues
larissa.733@gmail.com

/ afinal, o que quer uma mulher?

O pote de azeitonas

Sempre levei as relações de amizade a sério. Talvez pelo fato de não ter crescido com irmãos, fantasiava que os amigos eram parentes próximos. Seres de luz com os quais buscava estar perto. Apesar de muitas vezes alguns me levarem para labirintos sombrios, acreditava e ainda acredito na existência mágica dos amigos.

Recordo que uma dessas pessoas amigas, uma mulher que conhecia e admirava desde a primeira infância, divorciou-se e estava num sofrimento só. Não conseguia entender bem tanta lástima, porque o ex-marido era um pulha. No campo do amor não existe lógica ou racionalidade, então o que se pode fazer é acolher a escolha do outro. Nesse período, para ajudá-la, propus dieta e academia para nós duas. Uni o útil ao agradável: ajudaria e seria ajudada, endorfina nunca é demais. Uma empurrando a outra no fortalecimento da tal autoestima.

A atividade física foi mais difícil, sempre temos resistência ao que faz bem. Isso é do humano, então focamos na dieta. Tanto que, nos finais de semana, eu ia visitá-la e cozinhava para nós duas, depois tomávamos umas taças de vinho. Ela ria e chorava, as lembranças do amor doem. Com ela, aprendi a respeitar a dor do fim, afinal, sofrer por aquele homem me parecia absurdo. Perguntava a mim mesma como uma mulher daquela sofria tanto por um homem sem conteúdo, sem graça, sem ação, sem nada? Acho que todos temos essa arrogância, querer controlar

o gostar do outro. Outra coisa que aprendi nesse período foi a preparar comidas saudáveis para harmonizar com o vinho. Foram muitos sábados, um deles inesquecível.

Preparava uma salada e pedi que ela abrisse um pote de azeitonas. Ela forçou, mexeu, colocou o pote de cabeça para baixo e nada.

**Amigos são
escolhas, amor
sempre é mistério
e a seleção
para quem irá
permanecer
nesses campos
é natural.**

Se dando por vencida, transbordou-se. Afirmava que, sem marido, nem um pote de azeitonas conseguia abrir. Nesse dia, senti raiva. Tanto que tomei o pote das mãos dela e, com muita rapidez, desemperrei a tampa e abri o vidro. Ela me olhava e continuava a chorar. Virou criança desamparada. Abri o vinho, coloquei a salada e os queijos na mesa e olhei séria para aquela mulher cheia de feridas. Sem falar muito ou praticamente nada, deixei claro que mulheres não precisam de homens para abrir potes, ou fazer figuração de casal feliz.

Mulheres precisam de respeito, de afeto e, sobretudo, de homens com escuta ativa. Ninguém deveria manter-se casado apenas por aparência ou para alimentar fantasias infantis. Penso que, se as relações fossem destituídas de tantas fantasias sociais, as famílias não estariam tão doentes.

Sempre que recordo essa história, eu penso nas vezes em que estive feliz abrindo meu próprio pote de azeitonas. Quanto a essa amiga, que agora não está mais na minha vida, gostaria que ela continuasse amando mais a si mesma e menos a necessidade de uma mão de abrir seus potes de azeitonas, sem entender o quanto se perde numa busca sem limites. O amor precisa chegar sem luta. Assim como as boas amizades.

Amigos são escolhas, amor sempre é mistério e a seleção para quem irá permanecer nesses campos é natural. Nem todo mundo nasceu para doação e amizade é entregar o que se tem, mesmo que pouco. E amor é dar o que não temos, assim afirmou Lacan.

Larissa Rodrigues é psicóloga clínica, psicanalista em formação e escritora. Autora do romance 'O que as mulheres carregam nas bolsas'. Mora em João Pessoa (PB).

A vida
acontece
com
o Sesc

A vida **acontece**
com educação,
saúde, cultura,
lazer e assistência.

Sesc
Fecomércio
Senac